

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

**O Crochê e a influência Grega na Moda Contemporânea sob olhar de
Aracne**

BELO HORIZONTE

2025

JULIA DEL PIERO GAMA

**O Crochê e a influência Grega na Moda Contemporânea sob olhar de
Aracne**

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão
de curso do bacharelado em Design de Moda da escola de
Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientação: Profa. Dra. Soraya Aparecida Álvares Coppola
Coorientação: Daise Guimarães

BELO HORIZONTE

2025

Aos meus pais, que teceram comigo os primeiros fios da minha história. Meus maiores incentivadores e meus maiores exemplos. Sem eles ao meu lado, nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceber força, sabedoria e luz durante todo esse percurso. Por ter me sustentado nos momentos em que duvidei de mim e me guiado até aqui.

Agradeço imensamente a professora e orientadora Dra. Soraya Aparecida Álvares Coppola, que com excelência, me auxiliou e foi sempre compreensível a elaboração deste trabalho. E também a Daise Guimarães, por compartilhar seus conhecimentos. Obrigada por acreditarem em mim, e por me desafiarem a ir além e por conduzirem este processo.

Expresso minha mais profunda gratidão aos meus pais, Sidney e Luciana, por todo amor, apoio e incentivo incondicional. Admiro profundamente cada um de vocês – minha mãe, meu maior exemplo e minha maior guerreira, e meu pai, cujo carinho e generosidade sempre me inspiram. Sem o esforço e dedicação de vocês, esta conquista não seria possível.

Aos meus irmãos, Thiago e Carol, pelo carinho e suporte em cada etapa dessa caminhada, e ao meu irmão Daniel, que é, sem dúvida, a pessoa mais especial do mundo para mim. Mesmo sem compreender totalmente o significado deste momento, ele foi uma das minhas maiores fontes de força e paz durante todo o processo. Sua pureza, alegria e jeito único de ver o mundo me ensinaram o verdadeiro sentido do amor, da paciência e da sensibilidade. Este trabalho também é por ele e para ele.

Às minhas amigas de Governador Valadares, que mesmo à distância sempre acreditaram em mim e me motivaram. O carinho, a torcida e as palavras de incentivo de vocês foram essenciais para este percurso. Obrigada por serem o meu lar seguro!

Sou imensamente grata às minhas amigas que conheci graças ao curso, Vitória e Paula, que estiveram comigo desde o início dessa jornada, compartilhando risadas e desabafos. Agradeço também ao Matheus, pelos cafés e madrugadas de trabalho. Gratidão, amigos, por caminharmos de mãos dadas nessa trajetória acadêmica, enfrentando juntos os desafios e celebrando cada conquista.

Isadora e Sarah, minhas companheiras de casa, que acompanharam e presenciaram cada surto, cansaço e também cada vitória. Obrigada por tornarem os dias mais leves e por serem abrigo nos momentos mais difíceis!

A todos que, de qualquer forma, fizeram parte desta caminhada, meu sincero agradecimento. Cada gesto, palavra e presença teve um papel importante na construção desta conquista.

RESUMO

Este trabalho investiga a influência da estética da Grécia Antiga na moda contemporânea a partir do mito de Aracne, figura mitológica que simboliza a potência da criação feminina e o desafio à autoridade. A pesquisa analisa como os elementos visuais e simbólicos das vestimentas gregas – como o *quiton*, *peplo* e *himation* – continuam a inspirar o *design* de moda atual, especialmente por meio de releituras que valorizam o drapeado e os tecidos fluidos. O crochê constitui o eixo principal do projeto, sendo utilizado como meio expressivo e simbólico para reinterpretar o mito de Aracne sob uma perspectiva autoral. A proposta busca retirar elementos tradicionais das vestimentas gregas e reinterpretá-los na moda contemporânea, explorando o crochê como estrutura estética e conceitual que remete ao ato de tecer presente no mito, sendo explorado na criação de uma coleção autoral composta por quatro peças que traduzem o gesto de tecer como expressão de identidade e resistência. A metodologia combina pesquisa histórica, análise visual e experimentação prática em modelagem e construção do vestuário.

Palavras-chave: Crochê, Grécia Antiga, moda, contemporâneo, experimentação.

ABSTRACT

This study investigates the influence of Ancient Greek aesthetics on contemporary fashion through the myth of Arachne, a mythological figure who symbolizes the power of female creation and the challenge to authority. The research analyzes how the visual and symbolic elements of Greek garments – such as the *chiton*, *peplos* and *himation* – continue to inspire contemporary fashion design, especially through reinterpretations that emphasize draping and fluid fabrics. Crochet serves as the main axis of the project, used as an expressive and symbolic medium to reinterpret the myth of Arachne from an authorial perspective. The proposal seeks to remove traditional elements of Greek clothing and reinterpret them in contemporary fashion, exploring crochet as an aesthetic and conceptual structure that alludes to the act of weaving present in the myth. The project culminates in the creation of an authorial collection composed of four pieces that translate the act of weaving as an expression of identity and resistance. The methodology combines historical research, visual analysis, and practical experimentation in modeling and garment construction.

Keywords: Crochet, Ancient Greece, fashion, contemporary, experimentation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Guia de símbolos do crochê.....	17
Figura 2: Gráfico crochê – ponto baixo.....	17
Figura 3: Gráfico crochê – meio ponto alto.....	18
Figura 4: Gráfico crochê – ponto alto.....	18
Figura 5: Gráfico crochê – ponto rede.....	19
Figura 6: Estrutura de um quíton.....	27
Figura 7: Estátua de Deméter.....	28
Figura 8: Estrutura de um <i>peplo</i>	29
Figura 9: Irene, filha de Zeus, utilizando <i>peplo</i>	30
Figura 10: Pompeian Scene or The Siesta.....	31
Figura 11: Estrutura de um <i>himation</i>	32
Figura 12: Estátua de Zeus.....	33
Figura 13: Retrato de Maria Antonieta (1755-1793).....	35
Figura 14: Retrato de Madame Récamier (1777-1849).....	35
Figura 15: D. Leopoldina em Trajes da Coroação.....	36
Figura 16: Auriga de Delfos (478-474 a.C Grécia).....	37
Figura 17: Vestido Delphos.....	38
Figura 18: Vestidos por Madame Grès.....	40
Figura 19: Vestido com pregas, por Madame Grès (1903-1993).....	40
Figura 20: Estátua de Eros.....	42
Figura 21: Naomi Campbell para Givenchy, 1977.....	43
Figura 22: Shalom Harlow para <i>Givenchy</i> , 1997.....	43
Figura 23: Naomi Campbell para <i>Givenchy</i> , 1997.....	44
Figura 24: Esther de Jong para <i>Givenchy</i> , 1997.....	45
Figura 25: Pannel de inspirações.....	47
Figura 26: Grupo de estilo I – quítions.....	48
Figura 27: Grupo de estilo II – peplos.....	49
Figura 28: Grupo de estilo III – himations.....	50
Figura 29: Grupo de estilo IV – Aracne.....	51
Figura 30: Croquis escolhidos.....	52
Figura 31: Cartela de cores da coleção.....	54
Figura 32: Na ordem: Linha precioso, Princesa Moda e Encanto.....	54
Figura 33: Na ordem: Musseline toque de seda, crepe salina e viscolinho.....	55

Figura 34: Modelagem top quadricular.....	55
Figura 35: Modelagem do cós saia – Grupo de estilo 1.....	56
Figura 36: Tentativas de drapeado.....	56
Figura 37: Resultado final protótipo.....	57
Figura 38: Modelagem “corpete” – Grupo de estilo 2.....	58
Figura 39: Na ordem: Modelagem saia godê; modelagem manga de babado – Grupo de estilo 2.....	58
Figura 40: Autora na produção da saia de crochê no manequim.....	59
Figura 41: Na ordem: ponto baixo, meio ponto alto, ponto alto e ponto “rede”	60
Figura 42: Editorial - <i>look quiton</i>	65
Figura 43: Editorial - <i>look quiton e peplo</i>	65
Figura 44: Editorial - <i>look peplo</i>	66
Figura 45: Editorial - <i>look himation</i>	66
Figura 46: Editorial - <i>look Aracne e himation</i>	67
Figura 47: Editorial - <i>look Aracne e quiton</i>	67
Figura 48: Editorial - <i>look Arance</i>	68
Figura 49: Editorial	68
Figura 50: Editorial	69
Figura 51: Editorial	69

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO	11
II – O CROCHÊ: TÉCNICA E LINGUAGEM	16
III – A INFLUÊNCIA GREGA NA MODA CONTEMPORÂNEA SOB O OLHAR DE ARACNE	21
III.I O mito de Aracne	22
III.II A Grécia Antiga e sua vestimenta	23
III.III Principais vestimentas gregas	26
IV – DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO	46
IV.I Briefing	53
IV.II Cartela de cores	53
IV.III Pesquisa de materiais	54
IV.IV Prototipia	55
IV.V Desenho técnico do crochê	60
IV.VI Caderno de processos	62
IV.VII Processo de produção	62
IV.VIII Editorial	63
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A – FICHA TÉCNICA 1	74
APÊNDICE B – FICHA TÉCNICA 2	75
APÊNDICE C – FICHA TÉCNICA 3	76
APÊNDICE D – FICHA TÉCNICA 4	77

I – INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso – TCC, propõe o desenvolvimento de uma coleção que revista esteticamente a Grécia Antiga no contexto da moda contemporânea, tendo como principal referência o mito de Aracne – figura da mitologia grega reconhecida por sua extraordinária habilidade de tecer. A partir da narrativa do mito, a coleção desenvolve uma investigação visual que dialoga com a tradição clássica por meio de elementos como os drapeados, as silhuetas fluídas e os acabamentos artesanais, especialmente o crochê.

O título “O crochê e a Influência Grega na Moda Contemporânea sob o olhar de Aracne” sintetiza o recorte teórico e conceitual do trabalho. A escolha do crochê como técnica central estabelece um diálogo entre o fazer manual e a moda contemporânea, evidenciando o valor simbólico, construtivo e expressivo das práticas artesanais no contexto atual. A influência grega manifesta-se tanto nas referências estéticas quanto nos conceitos ao vestir na Antiguidade, como o drapeado, a relação com o corpo e a ideia de vestimenta como extensão simbólica da identidade. Sob o olhar de Aracne refere-se a figura mitológica associada ao ato de tecer, à técnica e ao desafio criativo, funcionando como uma metáfora para o processo de criação desenvolvido neste trabalho.

Assim, o título evidencia a articulação entre tradição, mito e contemporaneidade, elementos que estruturam a pesquisa e o desenvolvimento do projeto de design de moda apresentado.

A escolha do crochê como uma das técnicas centrais deste trabalho também se relaciona à trajetória pessoal da autora no fazer manual. Embora o aprendizado técnico do crochê tenha ocorrido há aproximadamente um ano, a técnica é explorada de forma emocional, para além de seu uso tradicional e se assume como um papel conceitual e construtivo na coleção desenvolvida. A vivência em um ambiente permeado pelo artesanato, especialmente pela influência materna, contribuiu para a construção de um olhar sensível em relação ao feito à mão, ao tempo e à memória presentes nos processos artesanais. Essa experiência fundamenta a escolha do crochê como linguagem expressiva e simbólica, que será aprofundada no capítulo dedicado à técnica.

O público-alvo desta proposta é formado por mulheres que se conectam com o universo da arte, da cultura e do design, e que buscam na moda não apenas uma forma de vestir-se, mas um meio de expressão estética e intelectual. Por tanto, mulheres entre 20 e 40 anos, com formação ou interesse em áreas como a moda, design, literatura e humanidades. Essas mulheres valorizam o trabalho artesanal e a originalidade das peças, interessando-se por técnicas como o crochê, além de se conectarem com produções autorais que carregam conceito, simbologia e história. Preferem o feito à mão ao feito em série, e costumam frequentar brechós, feiras autorais, exposições e galerias em busca de peças únicas e cheias de significado.

Elas enxergam a moda como uma forma de diálogo com o mundo, e buscam peças que contem histórias, ou que reflitam suas referências visuais. Por isso, são atraídas por coleções que cruzam a moda com história, e estão abertas à sensibilidade estética proposta por uma coleção com menção figurativa da Grécia Antiga e do mito de Aracne.

A coleção propõe-se a equilibrar a densidade simbólica das referências históricas com uma linguagem visual contemporânea, que valoriza o gesto manual e a construção da identidade por meio do vestuário. Nesse sentido, o trabalho propõe um cruzamento entre tempo, mito e materialidade, costurando o passado ao presente por meio de formas, texturas e significados que evocam a força simbólica do feminino.

O mito de Aracne está inerentemente interligado com a moda, principalmente quando a entendemos como uma forma de criação manual e expressão artística. Aracne contava histórias através da tapeçaria, e foi corajosa ao desafiar a tradição. O mito serve como analogia central para este projeto ao se destacar por sua relação com a tecelagem e como pode ser reinterpretado no design contemporâneo, com o intuito de explorar as conexões entre a tradição e inovação. Nessa pesquisa, permite-se perceber que a Grécia Antiga exerceu um papel fundamental na construção do ideal estético ocidental. Com o passar dos séculos, observa-se como tais elementos acabam reaparecendo em diferentes contextos históricos e culturais, mantendo-se importantes milênios após sua queda até os dias atuais. Em um cenário em que a moda não apenas veste, mas comunica ideias e memórias, existe grande relevância em investigar como certos elementos do passado ressurgem sob novos olhares e se adaptam ao presente.

Estilistas como Mariano Fortuny, com seu icônico vestido *Delphos*, ou Alexander McQueen, ao reinterpretar o período clássico utilizando elementos dramáticos em diversas coleções,

demonstram como a estética grega permanece viva, ainda que em forma de releitura. O uso de técnicas de drapeado, a valorização da silhueta natural do corpo e a preferência por tecidos leves e maleáveis revelam uma herança visual clara, mas também um desejo de recuperar o gesto, a narrativa e o poder simbólico da vestimenta.

No estudo das vestimentas gregas da antiguidade, títulos como *Draping Period Costumes: Classical Greek to Victorian*, *Greek and Roman Dress from A to Z*, *A História do Vestuário e Goddess: The Classical Mode* servirão como base para investigar a construção e os aspectos técnicos dessas peças. No contexto de artistas que resgatam técnicas antigas no design contemporâneo, Madame Grès se destaca como uma das principais influências desta pesquisa. O livro *Madame Grès*, de Martin e Koda, será um recurso fundamental para analisar sua obra, completado por exemplos de outros artistas que reintroduziram a estética grega em diferentes épocas.

O aprofundamento deste tema justifica-se pela necessidade de desenvolver uma prática projetual que reforce a autonomia criativa e a autoria tridimensional da coleção, colocando o fazer manual – especialmente o crochê – como meio de expressão simbólica. Ao valorizar o gesto artesanal, o projeto busca não apenas reinterpretar formas e proporções da estética grega, mas também afirmar o papel do criador como autor do próprio trabalho, dando forma e sentido à sua expressão através do fazer manual.

O principal objetivo desta pesquisa é analisar a influência que a estética e a simbologia da Grécia Antiga exercem no design de moda contemporâneo, tomando como eixo central o mito de Aracne, de modo a investigar a profunda conexão entre manualidades, moda e história. Entre os objetivos específicos, destacam-se: identificar os principais elementos visuais da indumentária grega presentes na moda atual; analisar como designers contemporâneos resgatam tais referências; e desenvolver uma coleção autoral em crochê e tecido que propõe uma releitura contemporânea da estética grega, explorando suas formas e proporções em uma nova perspectiva criativa. O projeto pretende traduzir esses códigos estéticos em peças autorais confeccionadas em crochê, técnica que, além de dialogar com o mito de Aracne, reforça a ideia de autoria, resistência e expressão poética por meio do fazer manual.

Em consonância com a fundamentação teórica apresentada nesta monografia, é apresentada uma coleção – denominada *Dynamis* – composta por 12 trajes (dos quais 4 serão executados)

inspirados nos *quitons, pelos e himations* – túnicas usadas na Grécia Antiga, diferenciando-se principalmente pelas formas de amarração e sobreposição – reinterpretados sob uma perspectiva contemporânea. A coleção proposta será confeccionada utilizando o tecido viscolinho, escolhido por sua fluidez e pelo tom intenso de branco que remetem ao vestuário grego antigo.

O uso de branco, contudo, surge como uma provocação estética dentro da coleção – uma espécie de sátira à ideia estereotipada de que essa tonalidade era predominante na indumentária grega, assim como Alexander McQueen explorou na coleção da Givenchy de primavera, em 1997. Além disso, a incorporação do crochê na cor dourada não se limita a um simples detalhe decorativo, mas se estabelece como eixo central da pesquisa, representando o ato de tecer associado ao mito de Aracne, e tornando-se elemento essencial na construção conceitual e estética das peças.

Essa escolha visa resgatar o aspecto artesanal existente tanto no mito de Aracne quanto no período clássico, criando uma ponte entre a tradição e a moda atual, e ao mesmo tempo, destacando a importância do trabalho manual e da narrativa simbólico-histórica na construção de peças atemporais. A escolha do viscolinho como tecido principal dá-se pela necessidade de reproduzir o caimento natural do vestuário grego antigo, enquanto os fios dourados trabalhados com a linha de crochê da marca Círculo, categoria Encanto, conferem textura e rigidez em pontos estratégicos, criando contraste visual e sensorial com a fluidez do tecido. Tais elementos foram agrupados com o objetivo de estabelecer um diálogo direto com o objeto da pesquisa. As formas, materiais e texturas presentes na coleção resgatam a essência da vestimenta grega e servem como uma maneira de reinterpretar o mito de Aracne, resultando em uma coleção que transcende o passado para se afirmar como uma proposta de moda atual e significativa.

O item 2 do Sumário trata sobre o estudo do crochê, abordando sua técnica, sua linguagem e o modo como essa prática artesanal se insere no campo do *design* de moda contemporâneo. Em seguida, o item 3 discute a influência da estética grega na moda atual sob o olhar do mito de Aracne, estabelecendo uma conexão entre tradição, inovação e criação autoral. Posteriormente, apresenta-se o desenvolvimento do projeto prático, no qual essas referências são materializadas em forma de coleção. Por fim, nas considerações finais, propõe-se uma reflexão sobre o processo criativo e os resultados obtidos, evidenciando as principais contribuições estéticas e conceituais deste trabalho.

Portanto, esta pesquisa visa explorar como a moda atual se inspira nas formas, técnicas e estruturas utilizadas nas vestimentas gregas antigas, com foco nos *quítions*, *peplos* e *himations*, e como esses elementos se adaptaram no decorrer dos anos, manifestando-se em peças de moda dos dias atuais.

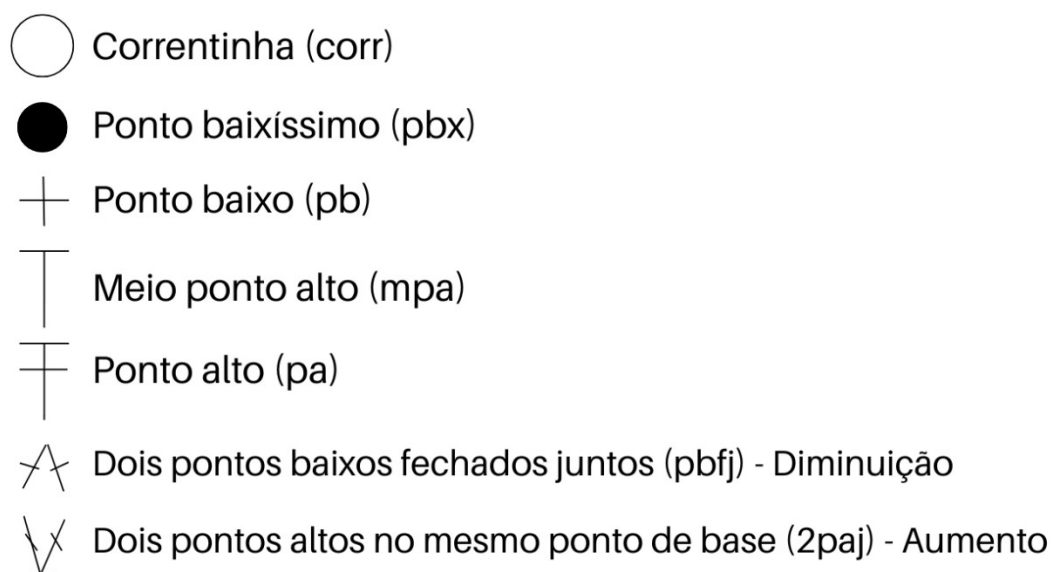
II – O CROCHÊ: TÉCNICA E LINGUAGEM

O presente capítulo parte de uma vivência pessoal com o crochê, técnica que foi aprendida há um ano atrás. Apesar de recente, esse contato se intensificou ao ponto de se tornar um desafio central dentro do desenvolvimento desta coleção, na qual o crochê não aparece apenas como detalhe, mas como linguagem conceitual e construtiva. A decisão de incorporar essa técnica no projeto partiu do desejo de explorar limites: tanto os meus, enquanto criadora em processo de formação, quanto os da própria técnica no contexto do design de moda contemporâneo.

Minha aproximação com o fazer manual, no entanto, antecede esse aprendizado técnico. Cresci em um ambiente permeado pelo artesanato, especialmente a partir da influência da minha mãe, o que contribuiu para a construção de um olhar sensível em relação ao feito à mão, ao tempo do processo e ao valor simbólico presente nas técnicas manuais. Dessa forma, o crochê, mesmo aprendido recentemente, conecta-se a uma memória afetiva e cultural que atravessa minha trajetória pessoal e criativa, tornando-se um elemento coerente e significativo dentro da proposta da coleção.

É necessário abordar o crochê em primeiro lugar, pois ele constitui o eixo central desta pesquisa e estabelece a principal conexão com o mito de Aracne. Mais do que uma técnica manual, o crochê assume aqui o papel de interlocutor cultural da coleção *Dynamis*, articulando tradição e contemporaneidade. Ele atua como uma ponte entre o mito e a materialidade da moda, revelando a potência simbólica do ato de tecer enquanto gesto criador. Dessa forma, o crochê não apenas sustenta a narrativa estética da pesquisa, mas também traduz, em fios e texturas, a dimensão simbólica que permeia o fazer manual e sua relação com o mito.

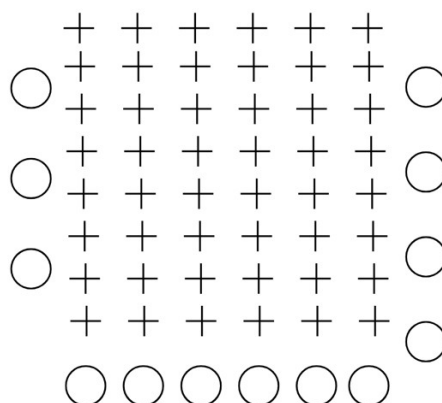
Para este projeto, serão exploradas quatro técnicas principais de crochê, cada uma com implicações estéticas e estruturais que dialogam com o projeto. Receitas de crochê possuem diversos símbolos que para muitas pessoas, pode não fazer sentido. Para compreensão dos gráficos, abaixo encontra-se um guia básico:

Figura 1: Guia de símbolos do crochê

Fonte: Imagens da autora

Em seu livro *Crochê Moderno: Acessórios de Crochê e Projetos Para sua casa*, Mills (2023) aborda desde os pontos básicos até projetos mais avançados, e são eles:

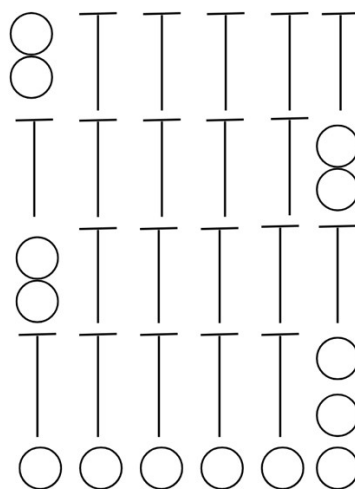
O ponto baixo (*single crochet – sc*) que é mais compacto e firme entre as técnicas básicas: cria um tecido mais denso e firme, com pouca abertura, e transmite sensação de estrutura.

Figura 2: Gráfico crochê – ponto baixo

Fonte: Imagens da autora.

Já o meio ponto alto (*half double crochet – hdc*) situa-se entre o ponto baixo e o ponto alto, apresentando uma textura um pouco mais alongada e aberta, mas ainda com certa firmeza.

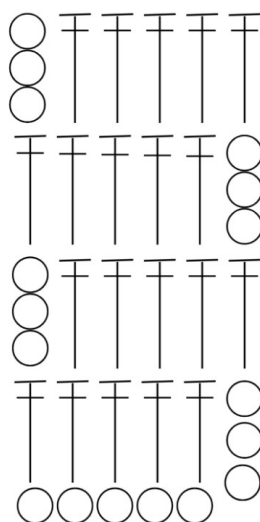
Figura 3: Gráfico crochê – meio ponto alto



Fonte: Imagens da autora

O ponto alto (*double crochet – dc*) é um dos pontos mais usados, cria uma malha mais aberta, com altura e maleabilidade maior, além do trabalho ser mais rápido.

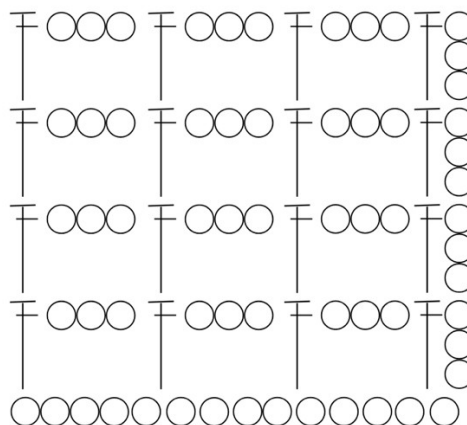
Figura 4: Gráfico crochê – ponto alto



Fonte: Imagens da autora

Por último, o ponto rede (*net stitch*) trata-se de uma técnica que cria uma trama de espaços abertos, por isso o nome. Ele é feito pela repetição de correntinhas e pontos altos, muito usado em peças com caimentos leves.

Figura 5: Gráfico crochê – ponto rede



Fonte: Imagens da autora

Essas técnicas serão aplicadas de forma autoral: ou seja, não apenas como execução técnica padronizada, mas como forma de reinterpretar o mito e a estética grega sob uma nova perspectiva. A ideia é que cada ponto funcione como elemento visual e simbólico, contribuindo para a narrativa da coleção.

O vestuário grego é marcado por vestimentas que valorizavam o drapeado, a camada e o movimento fluido – como o *quiton*, *peplo* e *himation* – e pela construção da silhueta a partir do tecido, da amarração e da sobreposição. Nesse sentido, o crochê quando aplicado em releituras contemporâneas, serve para extrair dos moldes gregos elementos formais (como curvas, dobras, leves transparências) e reinterpreta-los com uma estrutura tridimensional que envolve o corpo, que tece “em volta” e que cria um diálogo entre o corpo, o fio e o espaço. A escolha as técnicas, portanto, articulam a função do crochê com a função simbólica.

O mito de Aracne apresenta-se como analogia perfeita para o projeto: Aracne tece com habilidade, desafia a autoridade – e, em consequência, sua tecelagem torna-se símbolo de autonomia, resistência e criatividade. Aracne representa o entrelaçar de fios, a imaginação e o gesto criador. O crochê, então, não está apenas “decorando” as peças. Ele é a estrutura, o interlocutor cultural e o elo entre tradição e inovação.

Tecnicamente, o crochê permite controlar densidade e transparência – aspectos fundamentais para traduzir a estética grega no contexto do design contemporâneo. Através de combinações de pontos, é possível criar peças que evocam a Grécia Antiga (leveza, camada, movimento), e ao mesmo tempo, se inserirem no diálogo atual (autorais, com simbologia e modernidade). Com estas bases, *Dynamis* assume uma estrutura firme e simbólica. A seguir, o desenvolvimento da pesquisa que fundamenta a aplicação do crochê será apresentado, contemplado o estudo histórico das vestimentas da Grécia Antiga e sua influência na moda contemporânea, juntamente com o mito de Aracne.

III – A INFLUÊNCIA GREGA NA MODA CONTEMPORÂNEA SOB O OLHAR DE ARACNE

É importante destacar que a Grécia Antiga é o berço da filosofia e um dos berços da arte clássica, e, por isso, continua exercendo profunda influência sobre o design contemporâneo. As vestimentas desse período, elaboradas em grande parte com silhuetas fluidas, drapeados e composições que exaltavam o corpo humano, transcenderam o tempo e tornaram-se arquétipos estéticos revisitados por inúmeros estilistas ao longo do século XX e XXI. Ou seja, é comum que a moda contemporânea se apoie nessas referências para reinterpretar arquétipos estéticos, valores e narrativas simbólicas da mitologia grega.

Sob o olhar simbólico de Aracne, a moda ganha uma dimensão de resistência, de técnica e de desafio à ordem estabelecida. Aracne representa mulheres que dominam sua própria arte e que, justamente por isso, acaba por desafiar a deusa Atena, tornando-se um símbolo da criação que ousa confrontar a autoridade e reinventar tradições, principalmente ao reivindicar ser mais habilidosa que a própria divindade, que também era reconhecida como uma tecelã. Seu castigo, ser transformada em uma aranha gigante, tornou-se também sua libertação: Aracne passou a ser eternamente tecelã. Sob essa lente, o ato de produzir na moda aproxima-se do mito: uma prática artesanal que une inteligência e expressão. O processo de criação de uma peça de roupa, especialmente quando envolve a arte manual de entrelaçar fios em suas muitas formas, torna-se um ato simbólico de tecer narrativas. Neste contexto, os elementos da indumentária grega não representam apenas silhuetas antigas, mas também linguagens visuais que continuam sendo atualizadas e ressignificadas.

A estética grega clássica, muitas vezes associada à pureza, simetria e ao ideal de beleza, é constantemente tensionada por designers que, assim como Aracne, desafiam noções convencionais em busca de criar algo novo a partir do antigo. Assim, o legado grego se apresenta como um campo fértil de referências visuais e filosóficas, e Aracne, como símbolo da criação que desafia e reinventa, torna-se a metáfora perfeita para pensar na moda como linguagem e resistência.

III.I O mito de Aracne

O amigo da sabedoria também é um amigo do mito

Aristóteles

Segundo Seleprin (2010, p.2): “O mito é uma forma de narrativa. Os mitos apresentam-se como possível explicação ou interpretação da realidade e dos acontecimentos. Para quem vive o mito, ele é a única história verdadeira (...)”. Dessa forma, entre os milhares de mitos existentes, o mito de Aracne destaca-se por sua narrativa:

Não há registros que a mostrem realmente invejosa, a não ser em uma única ocasião. Esta é a história: Aracne, princesa de Cólofon, na Lídia – famosa por suas tintas púrpuras – era tão hábil na arte de tecer que a própria Atena não podia competir com ela. Quando lhe mostraram um lenço em que Aracne havia tecido ilustrações de romances olímpicos, a deusa tratou de buscar minuciosamente algum defeito e, não encontrando nenhum, destruiu o pano numa explosão de ira vingativa. Quando a assustada Aracne pendurou-se numa viga, Atena converteu-a numa aranha – o inseto que mais odiava – e transformou a corda numa teia de aranha, pela qual Aracne subiu para se salvar. (Graves, 2021, p. 177)

Apenas duas personagens são essenciais para a história – Aracne, a mortal, e Atena, a deusa. Atena era uma importante entidade na religião politeísta grega, considerada a deusa da sabedoria e das habilidades manuais. O nascimento de Atena antecipava o papel de importância que ela viria a ocupar no panteão grego, como conta sua história:

O aspecto guerreiro da deusa se dá já a partir do seu nascimento, em que de acordo com a tradição mítica, Atena nascera da cabeça de seu pai, quando este fora atingido por uma forte dor de cabeça. Zeus não suportava mais a dor no momento em que pediu a Hefesto para quebrar sua cabeça com um machado. Com isso nasce um ser já adulto, uma mulher belíssima com toda armadura e um grito de guerra que abalou o céu e a terra. (Santos, 2015, p.16)

Neste contexto, Atena representava a união entre razão, técnica e autoridade divina. Como deusa da sabedoria e das habilidades manuais, ela era a personificação do ideal de perfeição disciplinada. Foi justamente nesse território simbólico do “saber de tudo” que sua figura encontrou um inesperado desafio: uma jovem mortal cujo talento e ousadia cruzariam os limites

do aceitável. Aracne, era reconhecida por sua impressionante habilidade com os fios, tão excepcional que despertou a atenção da própria deusa. A partir desse encontro entre a divindade e a mortal, o mito se desdobra em reflexões sobre autoria, criação e poder.

Ambas tecerem belos tapetes, porém, Atena conseguiu reconhecer que o trabalho da mortal era, de fato, impecável. Diante da iminência do castigo divino, Aracne, tomada pelo desespero e desejando poupar-se da dor, tentou abreviar a própria vida. No entanto, antes que isso acontecesse, Atena a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade.

Conforme propõe Cassirer (2021), o mito constitui um dos mais antigos e poderosos elementos da civilização humana. Para o filósofo, ele está intrinsecamente ligado a todas as demais atividades humanas, sendo inseparável da linguagem, da poesia, das artes manuais e da ciência. Nesse sentido, o mito de Aracne exemplifica como narrativas míticas não apenas explicavam a origem de práticas, como a tecelagem, mas também simbolizavam tensões entre técnica, criatividade e poder divino.

Diante do exposto, o mito de Aracne simboliza não apenas o poder da técnica manual e da criatividade, mas também a tensão permanente entre a inovação e tradição. A tecelagem, nesse contexto, configura-se como uma linguagem visual carregada de significados. Tanto Aracne quanto Atena manifestam, por meio dos fios, histórias, críticas e narrativas sobre o mundo. Sob o olhar mitológico de Aracne, tecer assume ainda o caráter de resistência simbólica – seja no tapete produzido por Atena, seja no gesto de Aracne, que transforma o ato de tecer em contestação e enfrentamento.

III.II A Grécia Antiga e sua vestimenta

Como aponta Svendsen (2004) em *Moda: uma filosofia*, o conceito moderno de moda não pode ser aplicado automaticamente a contextos históricos em que o vestir obedecia a outras lógicas culturais, sociais e simbólicas. Então, é certo que para realizar qualquer tipo de análise sobre as vestimentas na Grécia Antiga, é importante ressaltar que o conceito de moda é muito recente, ou seja, o vestuário não acompanhava mudanças rápidas, mas seguia códigos emblemáticos.

Segundo Davies et al. (2007), em seu livro *Greek and Roman Dress: from A to Z*:

A vestimenta grega e romana – tão parte da nossa tradição, não tão claramente, à mais leve reflexão, “diferente” – constitui uma comparação esclarecedora e onipresente. Como tal, precisa, ser vista como mais do que o significado vazio do “clássico”: portanto, como o fenômeno social, cultural, estético e material complexo e multifacetado que representava para seus usuários, observadores e retratadores.

Com base nessa colocação, ainda que não fosse considerada moda nos termos contemporâneos, os gregos também possuíam uma relação profunda com o corpo e a sua representação. A valorização da forma humana era central em sua arte, arquitetura e também no vestuário. As roupas acompanhavam os contornos do corpo, realçando sua harmonia e movimento natural com funcionalidade, beleza e identidade, exaltando o ideal clássico de equilíbrio, corpo e espírito.

De acordo com Koda (2003, p. 16):

Para os gregos antigos, a vestimenta como portadora de identidade – idade, classe, gênero, profissão, etnia – era especialmente explícita. É somente nas traduções de textos gregos antigos que uma simplificação das designações detalhadas de vestimenta é generalizada para *quítions, pelos e himations*.

A vestimenta na antiguidade clássica não era construída com cortes complexos, mas sim a partir de tecidos retangulares, leves e maleáveis, cuidadosamente drapeados sobre o corpo. Essa simplicidade estrutural, aliada à fluidez dos materiais, permitia que os contornos corporais fossem suavemente revelados, reforçando o ideal clássico de beleza equilibrada e natural.

Em *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*, Finley (1989) apresenta uma análise aprofundada das estruturas econômicas e sociais da época, destacando a natureza estratificada da sociedade grega. Essa estratificação, que variava entre as cidades-estado (pólis), influenciava diretamente fatores como acesso a matérias-primas, condições de produção e, consequentemente, a forma de vestir. Compreender os tecidos e vestimentas utilizados na Grécia Antiga, portanto, exige considerar esse contexto socioeconômico, uma vez que os diferentes estratos sociais determinavam a disponibilidade e o uso de determinados materiais.

Segundo J. Mark (2021), em seu artigo *Anscient Greek Clothing*, na antiguidade grega, os tecidos mais utilizados eram o linho e a lã. O linho, leve e versátil, era amplamente empregado

não apenas no vestuário, mas também em outras funções cotidianas, sendo um dos materiais mais utilizados na época. A lã, por sua vez, apresentava variações conforme o estrato social: mais espessa e rústica para as camadas menos favorecidas, e fina e delicada para os membros de elite. Assim, a escolha do tecido ia além de sua funcionalidade, ela revelava a posição social de quem o vestia. O autor também aponta que, embora menos comum, o algodão era apreciado por sua maciez e geralmente importado de regiões distantes, o que o tornava um artigo menos acessível em geral. Já a seda, extremamente rara no contexto grego, era reservada à elite mais abastada, simbolizando um grau elevado de luxo e sofisticação. Dessa forma, os materiais têxteis vestiam o corpo, comunicando poder, prestígio e identidade dentro da sociedade.

As silhuetas da Grécia Antiga, seja no campo da vestimenta, da escultura ou da pintura, são notáveis pela representação do ideal humano. Eram marcadas por formas orgânicas, fluidas e naturais, em total contraste com as estruturas rígidas que viriam séculos depois na história da moda ocidental. Em vez de modelar o corpo com costuras ou cortes, os gregos permitiam que o tecido caísse livremente sobre a figura, revelando os contornos do corpo humano sem constrangê-lo. A roupa se ajustava à forma existente.

Apesar da simplicidade do corte, o efeito visual era sofisticado: pregas verticais alongavam o corpo, e a leveza dos tecidos criava uma silhueta escultórica, muito próxima da estética vista nas esculturas clássicas. As roupas femininas frequentemente acompanhavam os contornos do busto e quadris com delicadeza, enquanto as masculinas destacam o porte atlético idealizado. Essas silhuetas gregas revelavam um profundo entendimento do corpo e de sua relação com o espaço. Tal abordagem permitia que cada indivíduo se transformasse em uma parte intrínseca da própria estética da roupa, unindo forma, função e identidade. E é justamente a partir dessa base que surgem os drapeados, elementos-chave no vestuário grego que transformaram tecidos planos em composições esculturais (Laver, 1989).

De acordo com Braga (2022, p. 29), em *História da moda: uma narrativa*: “A indumentária grega foi muito peculiar, e o que mais podemos notar como característica são os drapeados, muito elaborados e marcantes.” Isso é, o drapeado é uma das principais técnicas utilizadas nas vestimentas gregas, constituindo-se pela maneira como o tecido era disposto em pregas naturais, moldando-se e dialogando com a anatomia do corpo sem a necessidade de cortes ou costuras elaboradas.

Conforme observa Köhler (2001):

Os trajes que compunham a indumentária dos egípcios, [e] dos gregos [...] tinham como característica mais importante o drapejamento, e, apesar de apresentarem algumas diferenças nas formas de uso, possuíam muita semelhança de corte e de estilo [...]

Essa concepção que a roupa grega – sem ser entendida como moda moderna – estabelecia com o corpo uma relação estética profunda, por meio do manejo do tecido.

O drapeado na Grécia Antiga não era apenas uma técnica de disposição do tecido, mas um verdadeiro gesto artístico. O tecido era moldado diretamente sobre o corpo, criando dobras, pregas e volumes que reagiam ao movimento, à postura de quem o vestia e até mesmo a condições climáticas naturais – como o vento. Essa técnica de modelagem e costura, moldada diretamente sobre o corpo e guiada pelo próprio peso e comportamento do tecido, criava uma estética viva:

Uma vez que o ser humano desenvolveu a tecnologia para fiar fios e tecer tecidos, o traje mais antigo consistia em um pedaço de tecido, que era enrolado ao redor do corpo e preso com alfinetes, amarrado ou mantido no lugar, ou então em uma vestimenta muito simples, combinando cortes retangulares de tecido para a frente, costas e mangas. Embora esses sejam possivelmente os trajes mais simples de se construir, algumas das técnicas de drapeado podem ser bastante complexas. Os períodos que melhor ilustram essas silhuetas são a Grécia Clássica e a Roma Imperial. (Sobel, 2013, p. 18, tradução nossa)

Para compreender o uso dos drapeados na Grécia clássica, é essencial analisar as principais vestimentas da época e observar como essa técnica era aplicada em cada uma dessas peças.

III.III Principais vestimentas gregas

As vestimentas gregas eram feitas de forma simples, com drapeados e amarrações feitos no próprio corpo, porém, com muitos significados. A interação entre o tecido e o corpo, somada ao modo de prendê-lo, gerava silhuetas e dimensões que variavam entre a simplicidade e a imponência.

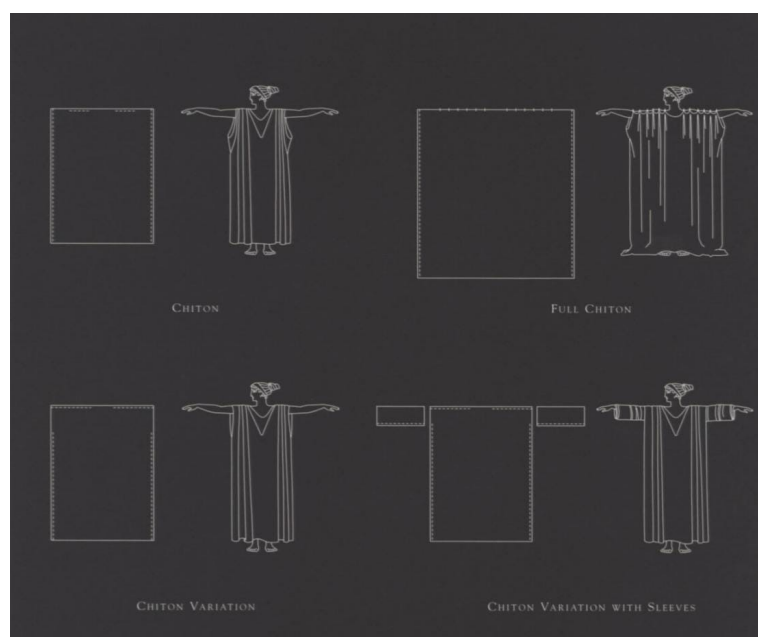
No ponto de vista de Koda (2003, p. 21):

Estruturalmente, o tipo de vestimenta mais elementar é o *quítion*, que é construído de várias maneiras. A mais comumente representada é feita costurando dois pedaços retangulares de tecido ao longo de cada costura lateral, de cima para baixo, formando um cilindro com a borda superior e a bainha sem costura. As bordas superiores são então costuradas ou alfinetadas em dois ou mais pontos para formar as costuras dos ombros, com aberturas de reserva para a cabeça e os braços.

Ou seja, o *quítion*, geralmente confeccionado em linho, era uma túnica de corte reto, presa nos ombros por broches ou costuras ajustadas à cintura com um cinto. Seu caimento vertical favorecia pregas finas e contínuas que alongavam a silhueta, resultando em um efeito de elegância e leveza. Os drapeados surgiam naturalmente da forma como o tecido era amarrado e sobreposto, criando um visual fluido. Sua modelagem permitia a criação de pregas verticais (os drapeados) que conferiam um efeito visual dinâmico, acompanhando o movimento do corpo. Conforme a autora Sobel (2013, p. 32), os *quítions* são feitos da seguinte maneira:

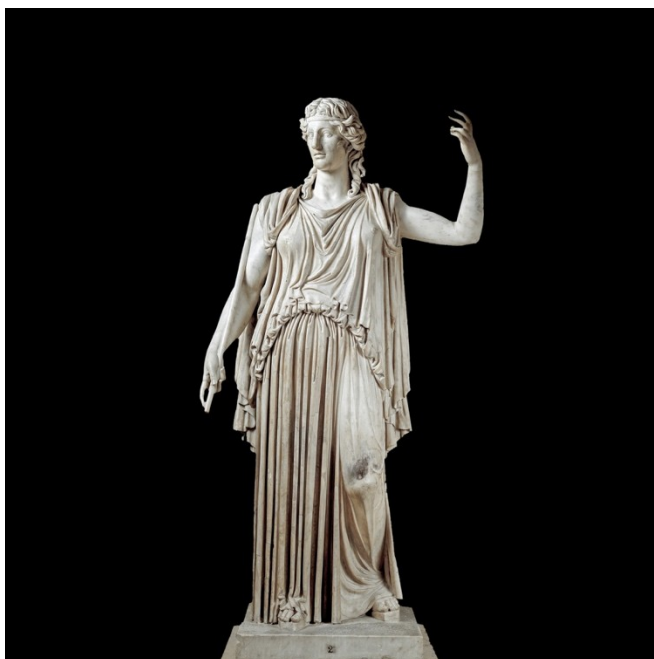
- I – Enrole o tecido ao redor do corpo com a abertura na lateral;
- II – Prenda o tecido da frente para trás em um ou ambos os ombros;
- III – Amarre com uma faixa na cintura para manter a peça fechada e controlar o volume.

Figura 6: Estrutura de um quítion



Fonte: Goddess: The classical mode (Koda, p. 219, 2003)

Figura 7: Estátua de Deméter



Fonte: Deméter (420 a.C) por Ágoracrito, Museu Del Prado

A representação da deusa Deméter na escultura mostrada acima revela a sofisticação atemporal do *quítion* na estética grega. As pregas verticais e o caimento fluido do tecido demonstram o refinamento técnico dos gregos no uso do drapeado para exaltar a forma do corpo humano. O uso do *quítion* e do *himation* na escultura da deusa ilustra como as vestimentas iam além da função de cobrir, expressavam até mesmo atributos divinos.

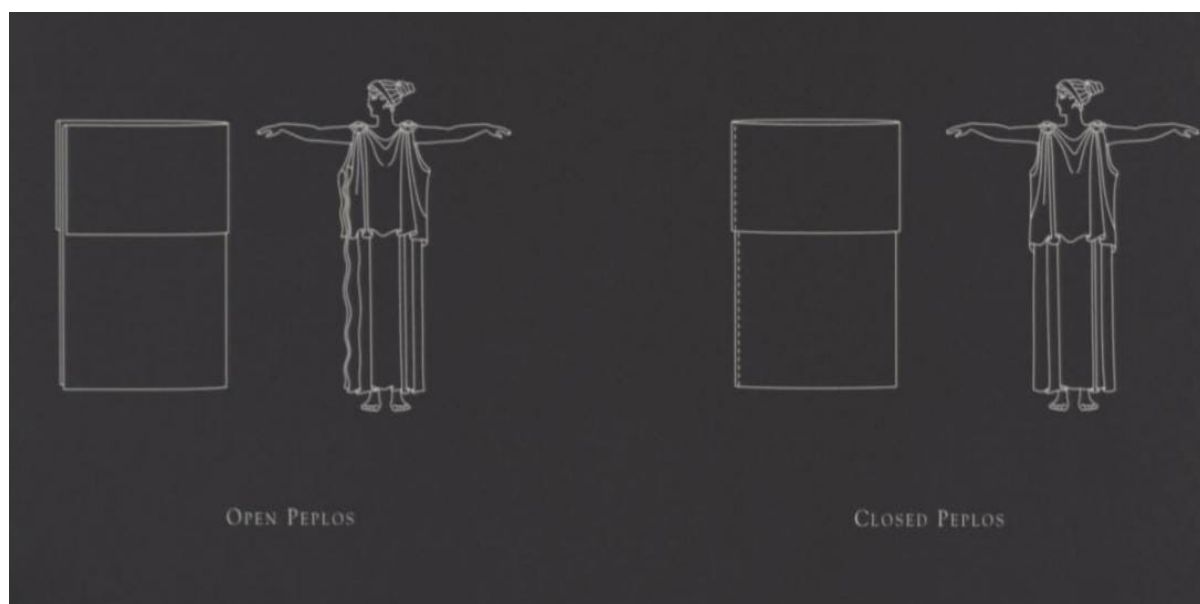
Os *peplos* também são um tipo de vestimenta clássica grega. Geralmente usados por mulheres, consistiam em uma grande peça retangular de tecido dobrado verticalmente e pendurado aos ombros, com uma sobrecapa larga. Segundo Koda (2003, p.21):

[...] Feito de um grande pedaço retangular de tecido, ele era moldado em um cilindro e então sobrado ao longo da linha superior em um punho profundo, ou sobredobra semelhante a um capeler. Embora existem casos excepcionais de *quítions* representados com sobredobras, uma vestimenta não é um *peplo* a menos que tenha fíbulas, alfinetes semelhantes a broches que prendiam as costas à frente da vestimenta em cada ombro. De todas as características identificadoras de um *peplo*, a fixação de seus ombros com fíbulas é seu único detalhe desafiador.

Isto é, os *peplos* eram parecidos com os *quítions*, mas não iguais. A dobra que forma na vestimenta remete uma aba, uma das suas principais características, denominada *apotygya* – termo referente à dobra drapeada nas roupas. Apesar de os drapeados dos *peplos* serem mais estruturados, o tecido era preso na área dos ombros e caía solto sobre o corpo visando preservar o princípio da naturalidade e evidenciar o formato do corpo sem restringi-lo. Segundo Sobel (2013, p. 39), os *peplos* são confeccionados da seguinte forma:

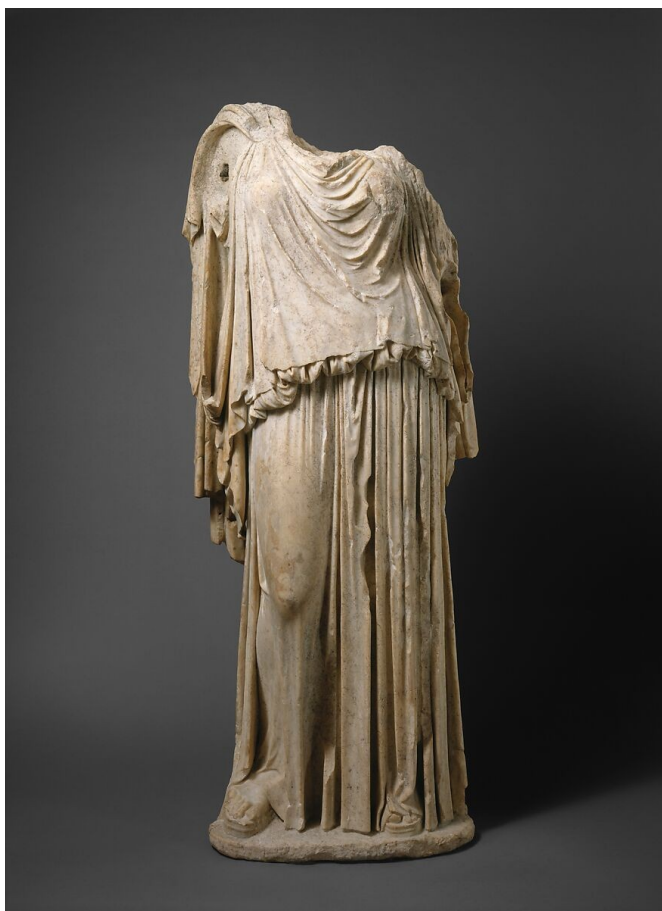
- I – Vire o comprimento do pedaço do tecido para o lado (na direção transversal do fio) e dobre a borda superior para baixo, para criar a aba;
- II – Dobre o pedaço do tecido ao meio, de ponta a ponta, com a mulher em pé no meio. Prenda os dois lados juntos na altura dos ombros, como *quítion*;
- III – Deixe mais comprimento na parte da frente do decote do que nas costas para criar um pouco de suavidade e caimento na frente;
- IV – Amarre uma faixa ou cordão discreto na cintura para controlar o volume e manter o lado aberto no lugar, também como *quítion*;
- V – A aba pode ter alguns centímetros de largura até o comprimento do quadril. A faixa pode ser amarrada sob a aba ou sob ela para criar um *peplo*.

Figura 8: Estrutura de um *peplo*



Fonte: Goddess: The classical mode (Koda, p. 219, 2003)

Figura 9: Irene, filha de Zeus, utilizando *peplo*



Fonte: Irene 14-68 d.C, The Metropolitan Museum of Art, 06.311

Em seu livro *Goddess: The Classical Mode*, Koda (2003, p. 31) diz sobre o uso de *peplos* pela deusa Irene, filha de Zeus.

[...] Os elementos estruturais que definem um *peplo* são seu ponto de fixação no ombro com uma fibula e seu *apoptygma*, que cobre parcialmente, e às vezes totalmente, o tronco. Um *peplo* de grande volume e comprimento como este era apropriado para uma divindade, com uma expressão explícita de abundância, dignidade e prestígio. Aqui, o vestido é preso com um único cinto na cintura, criando um *kolpos* profundo que aparece por baixo do *apoptygma*. O *peplo* era formado dobrando-se um grande retângulo ao meio, com a dobra do lado esquerdo. As bordas do tecido no lado direito eram costuradas para formar uma costura lateral ou deixadas

abertas para cair em um drapeado canelado. Irene é retratada com um peplo no estio da construção anterior, com o lado direitinho costurado fechado.

Com base na descrição apresentada por Koda (2003), é possível compreender o *peplo* como uma vestimenta funcional da Grécia Antiga carregada de significados simbólicos e sociais. Sua forma revela uma valorização do volume, da fluidez e da dignidade na silhueta feminina. O uso dessa indumentária por figuras divinas, como Irene, reforça sua associação com a abundância e o prestígio, conferindo ao *peplo* um papel que vai além da vestimenta cotidiana. Assim, o *peplo* se destaca como um dos exemplos mais emblemáticos da estética grega, abrindo caminho para a compreensão de como o drapeado era utilizado como forma de expressão na cultura grega.

Figura 10: Pompeian Scene or The Siesta



Fonte: Sir Lawrence Alma-Tadema (1863-1912), Museo Del Prado

Outro principal tipo de vestimenta grega são os *himations*. Mais comuns em épocas frias, quando os gregos usavam uma capa sobre suas outras vestimentas para esquentar, essa vestimenta era usualmente feita de lã a partir de uma peça retangular drapeada sobre o usuário. Sendo uma peça multifuncional, especialmente para homens, envolvida ao redor do corpo de maneira estratégica, criando pregas amplas que variavam conforme a posição do tecido e o movimento corporal. Como destaca Boardman (1984), o *himation* não tinha apenas função prática de proteção contra o frio, mas também um papel estético, pois sua forma de drapeado acompanhava a postura e a movimentação do corpo, reforçando a valorização grega da harmonia entre vestimenta, proporção e expressão corporal.

Embora existam diversas variações históricas de peças como véus, xales, mantos e cachecóis, é o *himation* que se destaca como a mais significativa e influente entre as vestimentas gregas,

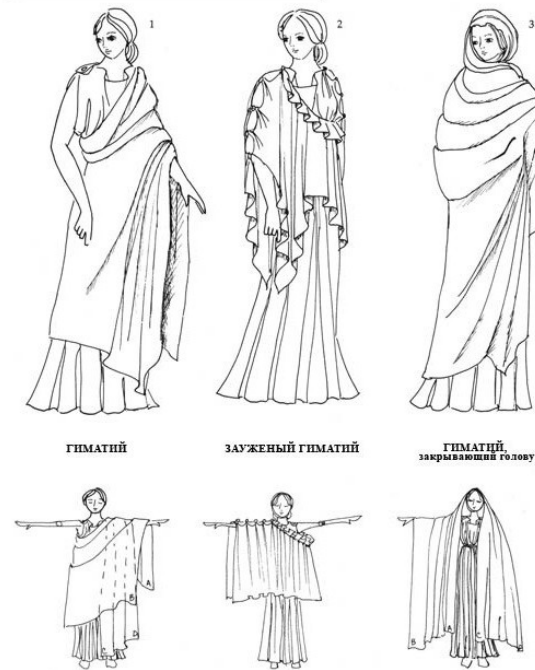
especialmente pela sua ampla capacidade de drapeado e envoltório. Segundo Koda (2003, p. 21), o *himation* era uma capa grande e ortogonal, diferente da toga romana, que possuía um formato mais definido. No caso do *himation*, ele podia simbolizar a modéstia e o recato quando vestia mulheres em representações tradicionais, mas também assumia um papel provocativo ao ser usado por elas, evidenciando a ambiguidade e a expressividade das formas de vestir na Grécia Antiga. Essa versatilidade e simbolismo tornaram o *himation* uma referência recorrente na moda ocidental até os dias atuais.

Em seu livro *Draping Period Costumes: Classical Greek to Victorian*, Sobel (2013, p. 22) descreve a forma como os *himations* são feitos:

- I – Comece com uma ponta pendurada do ombro ao tornozelo da frente. Amarre uma faixa de cordão ou fita na cintura sobre o tecido pendurado na frente;
- II – Dobre o tecido ao pingo da costura do ombro e prenda-o com alfinetes ou fita. Deixe de 30 a 60 cm (dependendo do modelo) para ficar solto;
- III – Torça a borda superior para fora, usando aproximadamente 15 a 30 cm. Enrole o comprimento do *himation* ao redor do corpo, da parte de trás, embaixo do braço, para frente e de volta para cima, sobre o ombro.
- IV – Dobre e prenda o tecido ao longo da costura do ombro da mesma forma que a primeira camada.

Figura 11: Estrutura de um *himation*

ЖЕНСКИЙ КОСТЮМ ДРЕВНЕЙ ГРЕЦИИ. (ГИМАТИЙ)



Fonte: <https://x-legio.com/en/wiki/himation>. Acesso em: 25 out. 2025

Figura 12: Estátua de Zeus



Fonte: Pierre Granier (1686),
Wikimedia

III.IV A Influência da Grécia Antiga nos séculos seguintes

É correto afirmar que a herança cultural da Grécia Antiga, ao longo dos séculos, consolidou-se como uma fonte de inspiração para diversos campos de estudo e áreas da estética, influenciando a arte, a arquitetura e, de maneira notável, a moda. A simplicidade formal, a fluidez dos tecidos e o profundo simbolismo das vestimentas gregas seguem moldando o design contemporâneo, demonstrando como a história e a arte podem ser reinterpretadas e atualizadas por meio das criações de moda.

As silhuetas soltas, os vestidos colunares e detalhes como pregas, franzidos e drapeados, inspirados em peças como *quítion*, o *peplo* e o *himation*, aparecem reinterpretados em coleções contemporâneas utilizando-se de novos materiais e tecnologias, de forma que respeite a história da vestimenta grega e revela uma herança visual que existe há séculos.

Koda (2003, p. 23), define o assunto:

Na Grécia Antiga, os três elementos básicos do traje feminino – o *quítion*, o *peplo* e o *himation* – podiam ser usadas em várias configurações por meio de diferentes métodos de drapeado. Muitas das criações obtidas por meio desses métodos foram codificadas e persistiram como estilos preferidos por séculos. O historiador grego Heródoto referiu-se à vestimenta como uma expressão da identidade grega que serviu como um símbolo de autoridade cultural helênica no mundo antigo. O fato de continuar a fazê-lo nas coleções de estilistas contemporâneos sugere a potência dessa gama aparentemente delimitada de tipos de vestimenta como portadora de identidade e ideologia.

De acordo com Koda (2003, p. 11): “No final do século XVIII, o interesse pelo passado greco-romano manifestava-se em todas as áreas da arte e do design”. Na história da moda, “Império” seria o termo correspondente à moda entre os séculos XVIII e XVI.

Em seu artigo sobre o vestuário entre 1800 e 1809, Franklin (2020) afirma que o período surge logo após a Revolução Francesa, na qual Napoleão foi coroado imperador, e, com o objetivo de fortalecer a economia francesa, buscou transformar a França em um centro de referência na moda. Esse período coincidiu com o auge do Neoclassicismo, movimento artístico que

valorizava os ideais estéticos da Grécia Antiga, valores esses que também foram incorporados à moda da época. Tecidos leves, cortes simples e tons claros passaram a dominar o vestuário feminino, evocando a elegância e a pureza das vestimentas clássicas.

A moda pré Revolução Francesa era marca por silhuetas pesadas, saias amplas compostas por várias camadas e corpetes estruturados que moldavam rigidamente o corpo, como observa-se nos trajes luxuosos usados por Maria Antonieta – ícone desse estilo excessivamente ornamentado. No entanto, após esse período, a moda feminina passou por uma transformação drástica, abandonando esses elementos em favor de silhuetas mais leves, fluidas e naturais. Inspiradas na antiguidade clássica, as novas vestimentas valorizavam o conforto e a liberdade de movimento, revelando o corpo em sua forma mais autêntica. Um exemplo dessa nova estética é Madame Récamier – uma anfitriã francesa de grande charme – frequentemente retratada com vestidos de linhas simples e tecidos esvoaçantes, que remetem diretamente ao vestuário grego antigo.

Figura 13: Retrato de Maria Antonieta (1755-1793)



Fonte: Por Élisabeth Vigée Le Brun, Wikimedia Commons

Figura 14: Retrato de Madame Récamier (1777-1849)



Fonte: Por François Gérard, Fine Art Americ

A obra *D. Leopoldina em Trajes da Coroação*, por Jean-Baptiste Debret, em 1817, também evidencia essa mudança estética e demonstra como elementos da vestimenta grega foram incorporados à moda da época numa reinterpretação dos ideais clássicos que influenciaram o *design* nos anos seguintes. A indumentária de Leopoldina é um exemplo notável da influencia do Neoclassicismo no vestuário da corte.

Figura 15: D. Leopoldina em Trajes da Coroação



Fonte: Debret e o Brasil: obra completa, 1816-1831.

(Lago, 2008)

Dessa forma, a moda Império marcou um ponto de inflexão na história do vestuário ocidental, ao romper com os excessos do século anterior e adotar uma estética inspirada diretamente na Grécia Antiga. Essa retomada do estilo clássico lançou bases duradouras para o *design* de moda, ao influenciar criações de períodos posteriores que reafirmam o poder simbólico da antiguidade como fonte inesgotável de referências. A partir desse ponto, é possível observar como essa herança visual será novamente evocada em momentos-chave da história da moda por grandes estilistas, designers e artistas.

Conforme o site oficial da Fortuny (Fortuny, 2025) Mariano Fortuny y Madrazo (1871-1949), nascido em Granada, na Espanha, veio de uma família bem-sucedida e influente no meio artístico. Seu pai, Marià Fortuny (1838-1874) foi um grande pintor, e sua mãe, Cecília de Madrazo (1846-1932), foi uma grande colecionadora têxtil. Mariano, além de *designer*, também era pintor e escultor, e acreditava que a arte do passado poderia ser aplicada ao presente. A partir do século XX, Fortuny começou a desenvolver vestidos, casacos e cachecóis inspirados nas formas e na arte da Grécia Antiga.

Ainda de acordo com a página da Internet, ele era conhecido por ter um olhar curioso pela história da arte e buscava inspirações também na Antiga Veneza e Egito Antigo, como uma forma de juntar a arte, história, moda e tecnologia em uma coisa só. Com sensibilidade, reinterpretava essas influências históricas e culturais em peças que dialogavam com a modernidade. Ao aliar inovação técnica a uma estética refinada, Fortuny destacou-se de seus pares ao se consolidar como um criador à frente de seu tempo.

No livro *Principles of Greek Art*, de 1914, Percy Gardner defende a ideia de que a arte na Grécia Antiga possui um caráter atemporal, mantendo-se relevante ao longo dos séculos. Para ele, essa permanência estaria ligada ao fato de os gregos antigos terem alcançado um padrão inigualável de beleza e bom gosto, com um equilíbrio estético que continuaria a ser visto mesmo na modernidade. Essa visão é exemplificada na obra de Mariano Fortuny, que, no início do século XX, resgatou os princípios da estética clássica ao criar o vestido *Delphos*, inspirado nas túnicas gregas. Fortuny não apenas reinterpretou a silhueta fluida e os drapeados da Antiguidade, mas também imprimiu à peça um senso de elegância atemporal, refletindo exatamente essa continuidade idealizada por Gardner.

Como consta a matéria ofertada pelo Palazzo Fortuny para o Google *Arts & Culture*, o vestido *Delphos*, de Fortuny, é mais do que uma releitura formal do traje grego clássico: é uma síntese entre a sensibilidade grega e a inovação têxtil moderna. O vestido foi inspirado na escultura clássica do *Auriga de Delfos*, descoberta em 1896.

Figura 16: Auriga de Delfos (478-474 a.C Grécia)



Fonte: Google Arts & Culture

Figura 17: Vestido Delphos



Fonte: Por Mariano Fortuny, Google Arts & Culture

O grande sucesso de Fortuny se deu ao modelo *Delphos*. Pelo plissado ondulado, que traz características comuns às de um *quítion*. Com suas finas pregas e caimento fluido, o vestido abraça o corpo com naturalidade, como se tivesse sido moldado pelo próprio movimento.

De acordo com Koda (2003, p. 207) “Fortuny era conhecido por suas invenções antiquadas e tratamento acadêmico da vestimenta clássica, mas no final, ele inventou, uma vez de replicar, um estilo helênico.” Portanto, assim como os gregos buscavam a expressão do ideal através da forma, Fortuny via o vestuário como um meio de revelar a essência através da leveza. Seu trabalho não apenas dialoga com o imaginário da antiguidade, mas também o reinterpreta, o reinventa e o projeta no futuro.

Ao abordar a influencia da Grécia Antiga no *design* contemporâneo, é fundamental mencionar Madame Grès, uma das costureiras que traduziu a estética grega clássica para a linguagem da alta-costura moderna. Atuando principalmente entre as décadas de 1930 a 1950, Madame Grès ficou conhecida por seus vestidos esculturais e peças que tenham simplicidade funcional da antiguidade. Suas técnicas de drapeado inspiradas na Grécia Antiga exemplificaram como os princípios clássicos podem ser reinterpretados para os ideais modernistas. De acordo com Martin e Koda (2003, p.7) “Ela reinventa roupas não ocidentais em combinações híbridas maravilhosas de sua própria invenção, com o olhar fantástico de uma viajante que observa e recria.”

Em 1979, Enid Nemy (1924), escreveu para o jornal *The New York Times*:

Ainda é difícil para os escritores de moda descrever uma coleção Grès, porque tudo já foi dito antes. Mas talvez o gênio do *design* feminino seja melhor ilustrado pelo fato de que centenas das figuras da moda mais em vestidas e influentes do mundo não ficariam sem pelo menos um novo *design* Grès anualmente, quase sempre um vestido de noite.

A citação acima reforça a ideia de que Grès era reconhecida por sua habilidade em realizar as releituras do passado por meio de uma abordagem inovadora e moderna. Ao trazer como inspiração as vestimentas gregas, Grès transformava referências históricas em criações contemporâneas, sem recorrer à literalidade. Seus vestidos, marcados por drapeados precisos e modelagem escultural, evidenciam como a estilista resgatava valores estéticos antigos para traduzi-los em peças atemporais. Grès não copiava o passado; ela o reinterpreta com sensibilidade artística, tornando-se um elo entre a tradição clássica e a modernidade no *design* de moda.

Na imagem a seguir, as faixas drapeadas dos vestidos remetem ao *himation*, especialmente pelo uso de drapeados assimétricos que envolvem o corpo de forma natural e fluida. Além disso, a estética escultórica das roupas, que evoca a aparência de estatuas gregas clássicas, reforça essa referência histórica. A simplicidade aparente, aliada à técnica dos drapeados, traduz com modernidade os ideais que marcaram a antiguidade clássica.

Figura 18: Vestidos por Madame Grès



Fonte: Goddess: The Classical mode (Koda, p. 67, 2003)

Outro exemplo a ser ressaltado, dentre muitos do seu acervo, é este interessante modelo apresentado na Feira Mundial de Nova York de 1939. Ao analisar a peça abaixo, é notável a semelhança especialmente ao *peplo* pela forma como o tecido envolve o corpo de maneira contínua e orgânica. O franzido concentrado sob o busto remete ao modo como o *apoptygma* caía sobre o colo enquanto os plissados verticais que descem em ondas até o chão evocam o caimento fluido dos tecidos usados pelos gregos.

Figura 19: Vestido com pregas, por Madame Grès (1903-1993)



Fonte: Feira Mundial de Nova York (1939), Arquivo da Vogue.

Além disso, é notável que toda a composição da peça enfatiza a silhueta e as formas naturais do corpo, revelando suas linhas, curvas, e algumas partes do corpo. Assim como na Grécia Antiga, onde o vestuário era pensado como uma forma de valorização do corpo, Madame Grès retoma esse ideal ao transformar o tecido inteiro em uma extensão do corpo feminino. A estilista, ao reinterpretar esses elementos em suas peças, consegue traduzir ideais da antiguidade clássica em vestidos que celebram o corpo feminino, a história da moda e a inovação, obtendo uma linha tênue entre o passado e o presente do design de moda.

Essas referências à antiguidade grega têm sido recorrentes também nas passarelas mais recentes, principalmente em criações de Alexander McQueen. Sua primeira coleção como designer da *Givenchy Haute Couture* teve como características principais o tecido branco e elementos dourados. A coleção é frequentemente chamada de *Search for the Golden Fleece*, que em tradução significa “Em busca do Velocino de Ouro”. Segundo Koda (2003, p. 133):

O efeito classicizante é ainda mais enfatizado se o tecido for branco, visto que há muito tempo existe uma convenção de que estilos gregos antigos devem ser acromáticos. Essa concepção errônea, que se acreditava derivar das superfícies desbotadas e desgastadas da estatúria e da arquitetura gregas originalmente policromadas, persiste até hoje na moda.

McQueen misturou elementos clássicos da antiguidade, como a fluidez e o drapeado, a formas estruturadas que se referem às armaduras da época. O corte era limpo, com corpetes rígidos e silhuetas esculpidas que traziam semelhanças a estátuas gregas. Tons de branco e dourado já eram características da *Givenchy* na época em que essa combinação foi adotada como base estética para a coleção, na qual o estilista decidiu brincar com o fetiche do branco e dourado ao qual Koda (2003, p. 133) refere-se na citação acima.

Para compreender o uso do branco na coleção de Alexander McQueen como elemento satírico, é necessário recorrer ao debate sobre o mito da branquitude na escultura clássica. Como destaca Talbot (2018) em seu artigo para *The New Yorker*, a percepção de que a Antiguidade Clássica foi marcada por estátuas e ornamentos inteiramente brancos é uma construção posterior, associada a ideais estéticos que foram consolidados no século XVIII. McQueen, ao ironizar essa narrativa por meio do branco em sua coleção, problematiza justamente essa idealização estereotipada do passado.

Figura 20: Estátua de Eros



Fonte: Museu Metropolitano de Arte

McQueen resgata o poder feminino fundindo-o à grandiosidade do passado clássico. Os tons dourados, os tecidos drapeados e os traços esculturais evocam a estética grega, mas logo essa

referência é desestabilizada por chifres e cortes agressivos. Ao desconstruir essa imagem idealizada, o estilista revela um feminino não apenas divino, mas também “selvagem”.

A seguir, apresento a análise de quatro looks emblemáticos da coleção, com foco especial na construção das peças, referências históricas e a forma como expressam o poder feminino dentro da proposta do estilista.

Figura 21: Naomi Campbell para *Givenchy*, 1977



Fonte: Vogue Runaway

A imagem acima retrata Naomi Campbell vestindo uma peça cuja parte superior, em dourado, remete à estética das armaduras e à estatuária clássica. O drapeado central e o penteado elaborado com chifres evocam referências diretas à mitologia grega. O elemento clássico – representado pelo drapeado torcido na tonalidade dourada – contrasta com chifres de carneiro, promovendo uma desconstrução da imagem tradicional e trazendo uma leitura menos óbvia, como mencionado anteriormente.

Figura 22: Shalom Harlow para *Givenchy*, 1997



Fonte: Vogue Runaway

A imagem mostra a modelo Shalom Harlow vestindo uma composição em alfaiataria, que, juntamente com os detalhes em drapeado e a estrutura acentuada pelo *design* de McQueen, evidencia a linha tênue entre a antiguidade e a modernidade que tantos artistas já buscaram evocar. A peça incorpora plumas e penas estruturadas na cabeça, referenciando a mitologia grega.

Figura 23: Naomi Campbell para *Givenchy*, 1997



Fonte: Vogue Runaway

Na figura acima, nota-se novamente a modelo Naomi Campbell como uma verdadeira divindade moderna. Seu corpo é moldado por um corpete dourado que remete à estética da armadura clássica. A parte inferior da vestimenta se desdobra em uma leve sobreposição de

tecidos com uma influência ao *quítion* grego. A forma como o tecido é preso na cintura e cai em camadas laterais, reforça o contraste entre rigidez e fluidez proposta por McQueen.

Por último, a imagem abaixo mostra Esther de Jong usando um vestido drapeado com aplicações de folhas amarelas e verdes que se espalham pelo corpo, fazendo alusão à folha de louro presente na antiguidade grega. Já a beleza, ao trazer detalhes como os cabelos em tranças soltas e a coroa dourada, evoca a imagem das deusas e figuras sagradas do período. São detalhes como esses que aproximam o design à mitologia grega.

Figura 24: Esther de Jong para *Givenchy*, 1997



Fonte: Vogue Runaway

Esses quatro *looks* misturam o ideal estético da Grécia Antiga e evidenciam como os códigos da antiguidade podem ser revistos com ousadia e contemporaneidade. Ao romper com a visão estereotipada do clássico, McQueen também reintroduziu a Grécia Antiga como terreno para narrativas sobre poder feminino e reinvenção simbólica.

IV – DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO

O processo de criação desta coleção autoral teve início ainda no ano passado, quando foram definidas as primeiras ideias e diretrizes conceituais que serviram como base para o Trabalho de Conclusão de Curso. A partir dessa etapa inicial, as referências estéticas principais já se delineavam: o interesse pela estética na Grécia Antiga como objeto de estudo, o mito de Aracne como inspiração para a coleção autoral e as possibilidades de tradução visual desses temas no vestuário.

O desenvolvimento prático do TCC foi retomado com maior intensidade no início do ano de 2025, quando foi iniciado a elaboração dos croquis da coleção. Para a organização visual da proposta, optou-se por dividir os modelos em quatro grupos de estilo principais: *quítions*, *peplos*, *himations* e Aracne. Cada grupo de estilo representa um recorte específico da pesquisa, seja por sua base histórica na indumentária grega, ou por seu vínculo simbólico com o mito da tecelã.

A coleção, denominada *Dynamis*, propõe uma releitura da Grécia Antiga na contemporaneidade a partir do mito de Aracne. O mito serve como metáfora central para a coleção, se destacando por sua relação com a tecelagem e como ela pode ser reinterpretada no design atual, de maneira autoral. A pesquisa parte das formas clássicas das túnicas citadas anteriormente, combinados a técnicas criadas pela autora de crochê dourado, honrando o legado de Aracne e simbolizando a tessitura como linguagem visual de *Dynamis*.

“O discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, e o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir à fala mítica” (Barthes, 2003, p. 132). Nesse sentido, a permanência do mito não se limita ao campo simbólico, mas ressurgem em diferentes linguagens e manifestações culturais. O mito de Aracne traduz a potência da técnica manual e da tecelagem como narrativa estética e crítica – aspecto que orienta a coleção, na qual os fios do crochê não apenas remetem à tradição, mas também atualizam o gesto de tecer como discurso contemporâneo.

Como dito acima, a tecelagem é explorada por meio do crochê, ressignificando uma técnica tradicional com forte carga simbólica e manual. Ao trazer o crochê para o contexto do design contemporâneo, foi estabelecido um diálogo entre o artesanal e o conceitual, conectando a prática de tecer com a narrativa da coleção. O crochê, não aparece apenas como detalhe estético,

mas como metáfora visual da coleção, da autoria e da resistência – elementos centrais da figura de Aracne.

Ou seja, o crochê ocupa o lugar central da coleção, tanto do ponto de vista simbólico quanto estético. Simbolicamente, ele representa o ato de tecer como forma de criação e expressão, assim como Aracne. Esteticamente, ele se destaca pela textura, pelos vazados e pelas possibilidades de construção tridimensional, trazendo contraste e profundidade às peças.

Os croquis apresentam roupas com caimentos fluidos, que evocam o movimento das túnicas – *quitons*, *peplos* e *himations* – contrapostas a estruturas em crochê que pontuam os looks com elementos têxteis simbólicos. Composta por 12 looks, e divididas em 4 grupos de estilo, a *Dynamis* investiga o universo das vestimentas gregas e traduz elementos históricos em formas contemporâneas.

Como inspiração geral da coleção, destaca-se o trabalho de Alexander McQueen em sua primeira coleção para a *Maison Givenchy*, apresentada em 1997. A referência não se dá pelo caráter dramático e provocativo associado ao estilista, mas sim pelo modo como ele se inspirou na Grécia Antiga e usou o branco e dourado em suas composições.

Figura 25: Pannel de inspirações



Fonte: Imagens da autora

Grupo de estilo I – *Quítions*

Neste grupo de estilo, a releitura moderna nos *quítions* gregos é apresentada pelas formas verticais que remetem diretamente aos drapeados longilíneos característicos dessa peça e enfatizam a fluidez e a continuidade do tecido. As bases brancas e os tecidos de caimento leve reforçam essa ideia de movimento constante, enquanto os cortes assimétricos trazer uma leitura contemporânea e estruturada da silhueta. Os detalhes em amarelo-dourado acrescentam contraste, dialogando com a força presente na coleção. A essência do *quítion* – concebido a partir de um único retângulo de tecido, moldando ao corpo por amarrações e pregas – é reinterpretada de forma atual, preservando a ideia de liberdade de movimento e a harmonia entre corpo e tecido, contraposto pela rigidez do crochê.

Figura 26: Grupo de estilo I – *quítions*



Fonte: Imagens da autora

Grupo de estilo II – *Peplos*

Neste grupo, a inspiração nos *peplos* gregos se manifesta de forma moderna através dos babados, que reinterpretem a dobra superior do *apoptygma* e sugerem as sobreposições presentes na peça original. Os volumes criados remetem à estrutura do *peplo*, ao mesmo tempo em que trazem leveza e movimento para as composições contemporâneas. Essa tradução atual mantém a essência da vestimenta clássica – marcada pela fluidez e pelo envolvimento do corpo pelo tecido –, transformando-a em elementos de *design* que dialogam com a estética atual.

Figura 27: Grupo de estilo II – *peplos*



Fonte: Imagens da autora

Grupo de estilo III – *Himations*

O grupo de estilo dos *himations* foi desenvolvida com foco no caimento marcante das peças, evocando a maneira como o manto grego era lançado sobre o corpo de forma assimétrica, criando uma sensação de presença. As construções priorizam tecidos de peso e fluidez equilibrados, que permitem reproduzir visualmente o movimento característico do *himation*, ressaltando o contraste entre estrutura e suavidade. Essa releitura contemporânea preserva o gesto envolvente da peça original, transformando o ato de drapear em um elemento expressivo do *design* e traduzindo a elegância clássica para uma estética moderna e poderosa.

Figura 28: Grupo de estilo III – *himations*



Fonte: Imagens da autora

Grupo de estilo IV – Aracne

Por fim, Aracne tem como principal elemento visual as franjas construídas com fios de crochê, fazendo referência direta ao ato de tecer e ao próprio mito da personagem. A textura resultante desses fios simboliza a teia e a tecelagem. A escolha do crochê reforça o conceito de resistência e manualidade, transformando o gesto de tecer em expressão estética simbólica e autoral. Assim, essa família encerra a coleção, conectando o fazer artesanal à ideia de poder criador, retomando a herança grega sob uma perspectiva contemporânea.

Figura 29: Grupo de estilo IV – Aracne



Fonte: Imagens da autora

Os quatro looks selecionados para execução são os primeiros modelos de cada família que compõe a coleção, funcionando como síntese visual dos principais conceitos explorados no projeto. Cada peça traduz, de forma autoral, os elementos simbólicos e estéticos das vestimentas da Grécia Antiga sob o olhar do mito de Aracne, usando técnicas autorais com o crochê e a fluidez dos tecidos para expressar identidade, resistência, e o gesto ancestral de tecer.

A seguir, apresento os quatro looks escolhidos para compor a etapa prática deste trabalho. Cada um deles foi selecionado por representar, de maneira singular, os conceitos centrais da pesquisa. As peças expressam a convergência entre técnica e narrativa, tradição e contemporaneidade.

Figura 30: Croquis escolhidos



Fonte: Imagens da autora

IV.I Briefing

Dynamis (δύναμις)

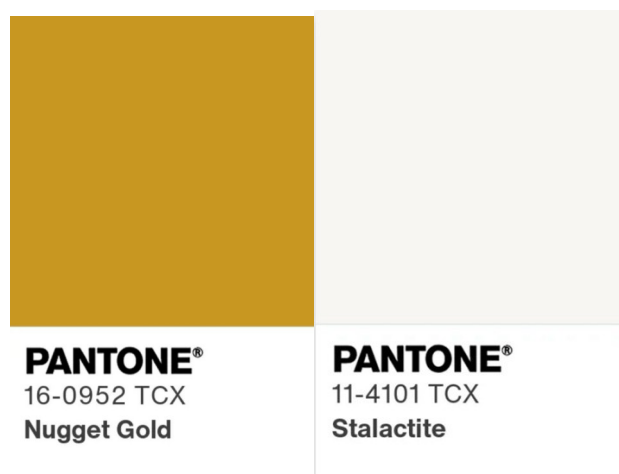
Dynamis é uma coleção que expressa a força e a potência – como a própria palavra grega significa – a partir da estética da Grécia Antiga reinterpretada no presente. A proposta une tradição e inovação, trazendo o antigo para o moderno de forma autoral e contemporânea.

Os drapeados e caimentos típicos gregos ganham novas proporções e texturas, enquanto o crochê surge como elemento central – uma releitura tridimensional que representa o gesto de tecer de forma artística e atual.

A coleção traduz a representatividade e a energia de Aracne, transforma e manifesta sua própria força por meio da tecelagem, e claro, da vestimenta.

IV.II Cartela de cores

A cartela de cores da coleção, composta exclusivamente por branco e dourado, como dito anteriormente, também propõe uma reflexão visual. Embora esses tons sejam amplamente associados à Grécia Antiga no imaginário contemporâneo, essa associação é, em grande parte, fruto de releituras modernas e não corresponde fielmente à realidade histórica, já que as vestimentas e esculturas gregas originalmente possuíam mais cores. Ao adotar essa paleta, a coleção brinca com essa idealização estética, assumindo o branco como símbolo da abstração clássica, enquanto o dourado remete ao gesto de tecer e ao poder. Assim, as cores funcionam como uma camada conceitual que tenciona o passado idealizado e o presente interpretativo – numa chave semelhante à utilizada por Alexander McQueen ao resgatar mitos antigos para construir narrativas visualmente poderosas e contemporâneas.

Figura 31: Cartela de cores da coleção

Fonte: Pantone

IV.III Pesquisa de materiais

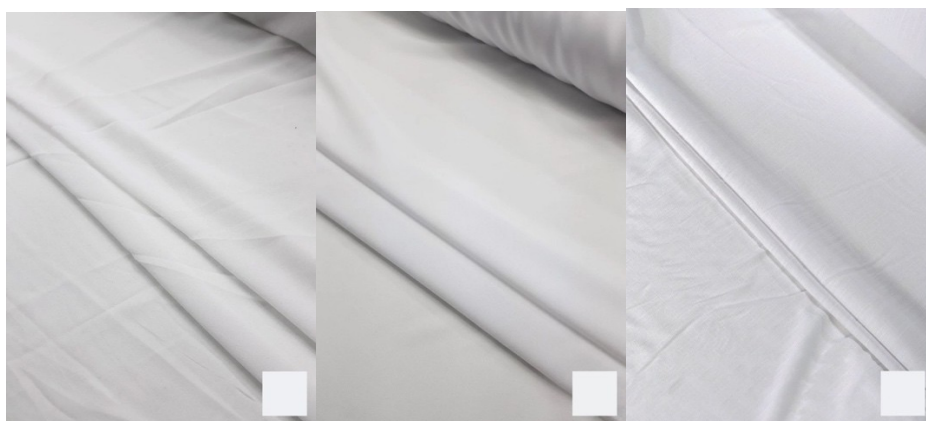
A pesquisa de materiais teve papel fundamental no desenvolvimento da coleção, buscando alinhar textura, caimento e simbolismo ao conceito do projeto. A investigação teve início na Galeria Ouvidor, em Belo Horizonte – um importante polo de artesanato e experimentação manual da cidade. Lá, foram exploradas diferentes opções de linhas de crochê, considerando aspectos como espessura, brilho e maleabilidade. Entre as possibilidades avaliadas estavam a linha Precioso, da Círculo, que é de algodão, a Princesa Moda, mais fina e delicada, e a Encanto, que foi a escolhida para apresentar o equilíbrio ideal entre estrutura, leveza e brilho acetinado, valorizando a construção do crochê na coleção.

Figura 32: Na ordem: Linha precioso, Princesa Moda e Encanto

Fonte: Na ordem: Imagens da autora; Imagens da autora; Armarinho São José

Em seguida, foi realizado uma pesquisa têxtil para a seleção dos tecidos planos. Ocorreu uma avaliação das opções, como o musseline toque de seda, o crepe salina e o viscolinho – este último escolhido pela sua fluidez, leveza e aparência natural, que dialoga com a estética dos trajes gregos. O crepe salina, por sua vez, foi selecionado para os forros, para garantir que a peça não fique transparente sem comprometer a suavidade do caimento.

Figura 33: Na ordem: Musseline toque de seda, crepe salina e viscolinho

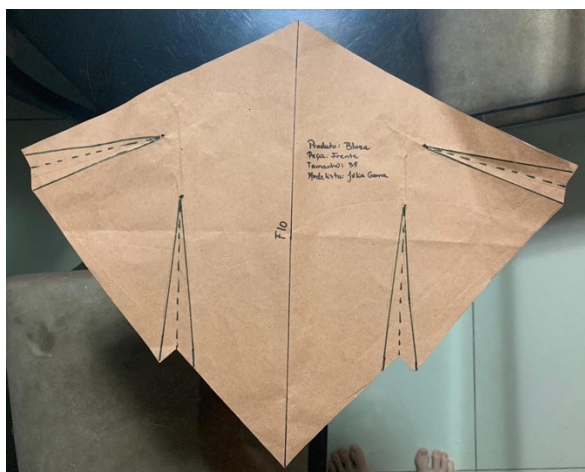


Fonte: Empório dos tecidos

IV.IV Prototipia

Com os croquis definidos, a pesquisa avançou-se para a etapa da modelagem iniciando com a construção de uma base de “corpinho” – fator considerado essencial para orientar os moldes das peças seguintes. A partir dessa base, foi desenvolvida a modelagem plana do *top* quadricular de crochê, para compreender como seria feito ele tridimensionalmente.

Figura 34: Modelagem *top* quadricular



Fonte: Imagens da autora

Em sequência, foi feito a modelagem do cós da saia que compõe essa mesma peça, uma etapa que demandou bastante tempo e dedicação.

Figura 35: Modelagem do cós saia – Grupo de estilo 1



Fonte: Imagens da autora

Após a modelagem do cós, foi desempenhado um protótipo da peça com a maior dificuldade de executar, que é a saia com o cós assimétrico. Remetente ao Grupo de Estilo 1, pertencente aos *quítions*. Foram vários dias de tentativas, testes e ajustes até que fosse encontrado uma solução de caimento que representasse, com fidelidade, o drapeado desejado.

Figura 36: Tentativas de drapeado



Fonte: Imagens da autora

Apesar da complexidade, o resultado atendeu às expectativas formais e conceituais da coleção. Após alcançar o resultado desejado com os testes de drapeado, a próxima etapa seria o corte e a montagem da peça. Para obter o efeito fluido e estruturado que foi idealizado, o tecido foi cortado no viés – o que favorece o caimento – com entretela na área do cócs, garantindo maior firmeza e sustentação à estrutura da cintura. A saia foi cortada de forma reta, sem moldes complexos, e posteriormente franzida manualmente na direção em que seria aplicada ao cócs, criando volume e a textura desejados.

Figura 37: Resultado final protótipo

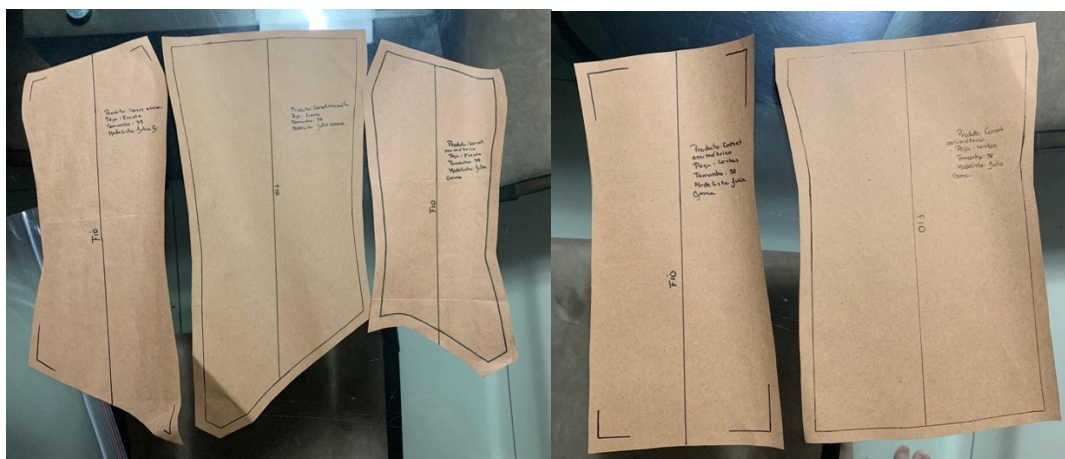


Fonte: Imagens da autora

Com as partes prontas, a costura foi realizada do cócs até a saia e, em seguida, o zíper lateral foi costurado à mão, buscando um acabamento mais delicado e preciso, condizente com o cuidado artesanal presente em todo o projeto. Para representar o aspecto do crochê de Aracne, utilizou-se uma malha cuja elasticidade remete à flexibilidade e ao entrelaçamento característicos do crochê manual.

Após o término do protótipo, o foco foi direcionado para a finalização das demais modelagens da coleção. Em sequência ao processo, o *look* pertence ao Grupo de estilo 2, dos *peplos*, começou a ser desenvolvido. Para essa peça, realizou-se a modelagem de um “corpete” assimétrico, como proposto no croqui.

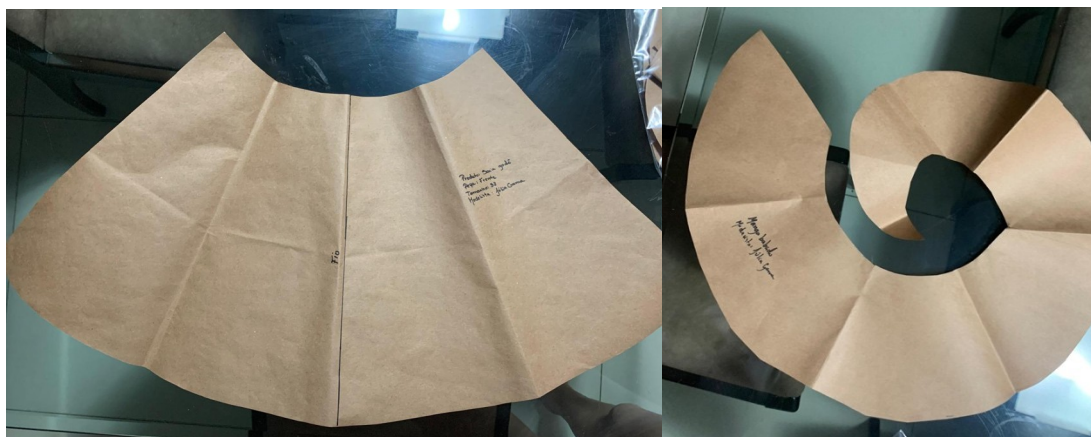
Figura 38: Modelagem “corpete” – Grupo de estilo 2



Fonte: Imagens da autora

Além do “corpete”, foi realizado a modelagem de duas saias godê de comprimentos diferentes: uma com 115 cm de comprimento, responsável pelo volume traseiro da peça, e outra com 35 cm na frente da peça para reforçar o efeito visual dos babados. Além disso, também foi desenvolvido o molde dos próprios babados, considerando o caimento, a proporção e o movimento desejado em cada camada, em busca de harmonia entre estrutura e leveza.

Figura 39: Na ordem: Modelagem saia godê; modelagem manga de babado – Grupo de estilo 2



Fonte: Imagens da autora

Após concluir a modelagem da peça do Grupo de Estilo 2, não foi necessário o desenvolvimento prévio de modelagens planas para a construção dos *looks* dos Grupos de Estilo 3 e 4, uma vez que a execução por meio da técnica de *moulage* mostrou-se mais adequada ao resultado desejado. Essa abordagem permitiu maior liberdade na experimentação das formas e na adaptação direta ao corpo. No caso específico da saída de crochê do *look* repetente aos *Himations*, o trabalho foi realizado inteiramente no manequim, com o crochê sendo construído diretamente sobre a estrutura tridimensional, o que possibilitou um caimento mais orgânico e fiel à proposta estética da coleção.

Figura 40: Autora na produção da saia de crochê no manequim



Fonte: Imagens da autora

Após a finalização das modelagens de todos os *looks* da coleção *Dynamis*, iniciou-se a etapa de experimentação prática dos pontos de crochê que dariam a forma ao têxtil manual presente nas peças. Por se tratar de uma coleção que dialoga diretamente com o mito de Aracne, a presença do crochê carrega um forte valor simbólico.

Para dar início a esta fase, produziu-se amostras com quatro pontos básicos de crochê da coleção: ponto baixo, meio ponto alto, ponto alto e ponto “rede”. A escolha desses pontos teve como objetivo explorar variações de textura, densidade e transparência, em diálogos com os tecidos fluidos utilizados e com os diferentes volumes e propostas de cada *look*. O ponto alto demonstra rigidez; meio ponto alto demonstrou-se adequado para estruturas mais firmes e com

maior definição visual igualmente; o ponto alto proporcionou rapidez, elasticidade e caimento mais alongado; enquanto o ponto “rede” criou uma trama vazada, conferindo movimento à peça.

Figura 41: Na ordem: ponto baixo, meio ponto alto, ponto alto e ponto “rede”



Fonte: Imagens da autora

IV.V Desenho técnico do crochê

Após finalizar a etapa de prototipagem, iniciou-se os desenhos técnicos (gráficos) das peças de crochê que foram executadas, a fim de estabelecer um padrão técnico que orientasse a execução das peças e garantisse coerência entre a linguagem visual da coleção e o processo de criação manual. Mais do que simples representações para as peças tridimensionais, os gráficos funcionam como um mapa construtivo que traduz também o pensamento projetual do crochê – onde o fio, ao ser entrelaçado, ganha forma, textura e volume.

Assim, cada gráfico assume também um caráter autoral, refletindo a técnica e a intenção estética e simbólica da coleção. O desenho técnico, portanto, articula também entre a tradição e inovação por meio de uma leitura contemporânea da estética e do ato de tecer.

A distribuição dos pontos foi pensada estrategicamente para cada vestimenta: o meio ponto alto será utilizado no *top* do Grupo de Estilo 1 (*quítions*), criando uma base firme, mas sem rigidez; o ponto alto será aplicado no “corpete” do Grupo de Estilo 2 (*peplos*), conferindo estrutura que contrasta com os babados, e também no *look* dos *quítions* e do Grupo de Estilo 4 (*Aracne*), onde reforça a ideia de continuidade e tecer juntamente com as franjas da peça; o ponto “rede”, por sua vez, foi escolhido para a saia presente no Grupo de Estilo 3 (*himations*), reforçando a assimetria e a fluidez da composição com um toque de transparência que remete ao caimento das túnicas. Por fim, o ponto baixo representa a estrutura e rigidez presente nas ombreiras referente a *Aracne*.

O gráfico representado na Ficha Técnica 1 (Apêndice A) representa o *top* quadricular de crochê presente no Grupo de Estilo 1. Estruturado em uma base quadriculada feita inteiramente em meio ponto alto. Após finalizar a peça, foi posicionado conforme a proposta estética desejada. O *top* é finalizado com uma cordinha que faz a amarração e sustenta a peça, garantindo o ajuste ao corpo. A faixa que compõe o cós assimétrico da saia foi feita logo após, com ponto alto.

Na Ficha Técnica 1 (Apêndice A) poderá ser encontrado também o desenho técnico da saia que compõe o *look*, juntamente com os materiais utilizados.

Logo após, apresenta-se na Ficha Técnica 2 (Apêndice B) o gráfico do “corpete”, referente ao *look* dos *peplos*, composto por quatro partes separadas. Cada uma delas é confeccionada individualmente e, em seguida, unidas por costura na ordem indicada na imagem. O fechamento da peça foi feito com colchetes, proporcionando melhor ajuste e acabamento ao modelo. Na Apêndice B reúne também os detalhes construtivos das peças que compõem o vestuário, incluindo a saia assimétrica com babados e a manga mostrada no croqui, especificando materiais, acabamentos e particularidades de execução essenciais para a compreensão do conjunto.

A Ficha Técnica 3 (Apêndice C), apresenta as especificações do look pertencente ao Grupo de Estilo 3 (*himations*). Para esse modelo, o processo de desenvolvimento foi um pouco diferente. Foram utilizados exatamente os mesmos pontos apresentados o gráfico, seguindo fielmente o desenho. Porém, a diferença ocorreu na execução, que foi diretamente sobre o manequim, o que proporcionou um resultado mais orgânico e ajustado ao corpo. O cós, feito em linha reta de ponto alto, foi posicionado no manequim de forma assimétrica, conforme o efeito desejado, e a partir dele foi construída a “rede” de crochê, moldando a peça. Além disso, a blusa que compõe o look também está detalhada na ficha, contemplando materiais, acabamentos e todas as etapas necessárias para sua execução.

Por fim, o *look* referente ao Grupo de Estilo 4, da Aracne, apresenta duas partes principais dentro da Ficha Técnica 4 (Apêndice D). O *top*, de modelagem reta, foi confeccionado em ponto alto, resultando em uma textura mais alongada e uniforme. Seu fechamento é feito com zíper, garantindo praticidade e acabamento limpo. Já a ombreira foi desenvolvida em ponto baixo, técnica escolhida por conferir maior firmeza e sustentação à estrutura, sendo fechada por um colchete na região do pescoço, o que reforça o caráter artesanal e simbólico da peça, remetendo

ao ato de tecer presente no mito de Aracne. Detalhes da saia com uma faixa drapeada fazem-se presente na ficha.

IV.VI Caderno de processos

Ao longo do desenvolvimento da coleção, foi construído também o caderno de processos. Diferente de uma produção linear e finalizada apenas ao término do trabalho, o caderno tem sido elaborado de forma contínua e orgânica, acompanhando o ritmo de pesquisa e experimentação. Em muitos momentos, enquanto era produzido a modelagem, a escolha de materiais ou a produção de amostras de crochê, já era registrada paralelamente às etapas no caderno, com anotações, fotos, colagens e croquis.

Ao final, esse material é essencial para compreender como as decisões estéticas, técnicas e conceituais foram se consolidando na coleção e como o fazer manual, o mito e o vestuário se entrelaçam na construção de uma narrativa visual coerente.

IV.VII Processo de produção

O processo de produção da coleção teve início pelo desenvolvimento do primeiro *look*, pertencente ao Grupo de Estilo dos *quítions*. A escolha de começar por essa peça ocorreu de uma forma estratégica, já que o protótipo do modelo havia sido previamente confeccionado, o que facilitou a compreensão das proporções, do caimento e das necessidades de acabamento. Com a base estruturada, pôde concentrar-se em ajustes estéticos e na aplicação dos elementos conceituais, como o drapeado e as formas verticais, o que tornou essa etapa mais fluida e eficiente. Paralelamente a essa produção, iniciou-se também o desenvolvimento da saia do terceiro *look*, integrante do Grupo de Estilo dos *himations*. A peça foi inteiramente construída em crochê, em um processo manual e minucioso que demandou longas horas de trabalho contínuo.

Grande parte desse desenvolvimento ocorreu em ambiente doméstico, o que possibilitou à dedicação ao crochê diariamente, aproveitando o tempo de forma produtiva para adiantar uma das etapas mais demoradas da coleção. Esse ritmo intenso de produção manual contribuiu para o andamento simultâneo de diferentes fases do projeto, equilibrando o trabalho técnico de modelagem e *moulage* com o fazer artesanal. Assim, ao mesmo tempo em que o primeiro *look*

era finalizado, a saia do terceiro já se encontrava praticamente concluída, o que otimizou o cronograma e garantiu maior fluidez entre as etapas. Esse processo paralelo de criação refletiu a integração entre técnica e artesanias, reafirmando a importância do gesto manual como parte do desenvolvimento estético e simbólico das peças.

O mesmo processo se repetiu com os demais *looks*. Enquanto o “corpete” presente no segundo Grupo de Estilo, pertencente aos *peplos*, era desenvolvido e produzido simultaneamente o tecido da saia e em paralelo, era confeccionado em crochê o top e a ombreira que compõem o *look* da Aracne. Essa dinâmica de trabalho interligado permitiu que diferentes etapas fossem realizadas de forma contínua, otimizando o tempo e garantindo um fluxo equilibrado entre a costura, a *moulage* e o crochê. O processo exigiu organização e planejamento, mas também proporcionou uma criação mais integrada, em que cada peça se desenvolvia em diálogo com as demais, reforçando a unidade estética e conceitual da coleção *Dynamis*.

Com o término das etapas de confecção, o processo culminou na realização do editorial fotográfico, momento em que as peças puderam ser apresentadas de forma coesa e simbólica, revelando visualmente os conceitos que nortearam todo o projeto. Durante todo esse percurso, o caderno de processos acompanhou o desenvolvimento da coleção, registrando cada etapa, experimentação, ajuste e decisão criativa. Esse registro contínuo tornou-se um instrumento fundamental de reflexão e documentação, evidenciando o amadurecimento técnico e conceitual da autora ao longo de toda a construção da coleção.

IV.VIII Editorial

Este capítulo apresenta o editorial de moda desenvolvido como etapa final do processo criativo da coleção, concebido como ferramenta de síntese e materialização dos conceitos abordados ao longo deste trabalho. O editorial tem como objetivo evidenciar, por meio da imagem, o diálogo entre a estética da Grécia Antiga e a moda contemporânea, reforçando os elementos conceituais, formais e simbólicos explorados na coleção.

A locação escolhida para a realização do editorial foi a Lagoa da Pampulha, especificamente a Casa do Baile, em Belo Horizonte. A escolha do espaço não se deu de forma aleatória, mas a partir de sua forte relação com a natureza, a presença da água e a arquitetura marcada por colunas e formas curvas, elementos que dialogam diretamente com referências da antiguidade

clássica. A Casa do Baile, enquanto patrimônio arquitetônico moderno, possibilita uma aproximação entre passado e presente, reforçando a proposta de reinterpretar a estética grega sob uma perspectiva contemporânea.

A presença do ambiente natural contribui para a construção de uma atmosfera que remete à Grécia Antiga, especialmente à relação entre corpo, vestimenta e natureza. Na antiguidade, o vestir estava diretamente associado ao movimento do corpo e ao espaço que o cercava, como dito anteriormente. Assim, o editorial busca registrar as roupas em interação com o ambiente, valorizando o movimento, a leveza e a organicidade de formas.

As colunas presentes na arquitetura da Casa do Baile reforçam simbolicamente essa conexão com o universo clássico, remetendo aos templos gregos e à ideia de estrutura, ritmo e proporção. No editorial, esses elementos dialogam visualmente com as peças desenvolvidas, evidenciando a permanência e a ressignificação dos códigos estéticos gregos na contemporaneidade.

O editorial constitui a última etapa do processo de desenvolvimento deste projeto, funcionando como momento de consolidação dos conceitos teóricos, referências visuais e escolhas técnicas realizadas ao longo da pesquisa. Por meio das imagens, torna-se possível observar de forma concreta como o crochê, os drapeados e os elementos inspirados na Grécia Antiga se manifestam no contexto da moda contemporânea sob o olhar de Aracne e o ato de tecer.

A seguir, serão apresentados os resultados do editorial, por meio das imagens produzidas, que sintetizam visualmente o percurso criativo, conceitual e estético desenvolvido neste trabalho.

Figura 42: Editorial – *look quíton*



Fonte: Imagens da autora

Figura 43: Editorial – *look quíton e peplo*



Fonte: Imagens da autora

Figura 44: Editorial – *look peplo*



Fonte: Imagens da autora

Figura 45: Editorial – *look himation*



Fonte: Imagens da autora

Figura 46: Editorial – *look Aracne e himation*



Fonte: Imagens da autora

Figura 47: Editorial – *look Aracne e quíton*



Fonte: Imagens da autora

Figura 48: Editorial – *look Aracne*



Fonte: Imagens da autora

Figura 49: Editorial



Fonte: Imagens da autora

Figura 50: Editorial



Fonte: Imagens da autora

Figura 51: Editorial



Fonte: Imagens da autora

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central investigar a influência da estética da Grécia Antiga na moda contemporânea sob o olhar do mito de Aracne. A proposta partiu da hipótese de que as vestimentas gregas clássicas continuam a inspirar o *design* atual não apenas por seus atributos visuais, como o drapeado e a fluidez, mas também por sua força simbólica e cultural, que pode ser resgatada e reinterpretada à luz de novos discursos. O recorte específico do mito de Aracne se mostrou estratégico para articular os temas da criação manual e da força por meio do ato de tecer, criando uma linha tênue entre tradição e inovação.

A partir de uma metodologia que integrou pesquisa bibliográfica, análise visual e prática experimental em modelagem e construção de vestuário, foi possível desenvolver uma coleção autoral composta por quatro *looks*, cada um representando um dos Grupos de Estilo extraídas das vestimentas gregas. Cada peça foi elaborada com base em um processo criativo detalhado, que considerou desde a escolha dos tecidos até os pontos de crochê.

A técnica do crochê – escolhida como fio do condutor do projeto – foi investigada de forma técnica e também simbólica. A escolha dos pontos e a construção das amostras e dos gráficos foram etapas fundamentais para garantir coerência formal e conceitual à coleção. A decisão por utilizar essa técnica tradicional, foi uma política e estética, reafirmando a centralidade do fazer manual e autoral como ferramenta de expressão contemporânea.

A cartela de cores restrita ao branco e ao dourado reforçou a proposta conceitual da coleção. Embora essas cores sejam associadas popularmente à estética da Grécia Antiga, esse imaginário é fruto de uma leitura mais moderna, visto que os registros históricos indicam o uso de cores nas vestimentas e esculturas gregas. Ao adotar essa paleta, a coleção propõe uma crítica velada a essa idealização, ao mesmo tempo em que utiliza os significados atribuídos a essas cores para reforçar a narrativa mitológica do projeto. Essa estratégia se aproxima, inclusive, das abordagens de estilistas como o Alexander McQueen, que utilizaram o simbolismo da mitologia para construir coleções carregadas de significado.

O processo de construção do caderno de processos também merece destaque como ferramenta metodológica de registro, análise e reflexão. Elaborado ao longo de todo o desenvolvimento do

trabalho, de maneira paralela às demais etapas, o caderno documenta os caminhos tomados e os desvios, tornando-se um arquivo de percurso criativo.

A partir dos resultados alcançados, pode-se afirmar que o problema de pesquisa foi respondido de forma satisfatória: é possível resgatar e reinterpretar elementos estéticos e simbólicos da Grécia Antiga na moda contemporânea, criando narrativas visuais autorais que extrapolam a referência histórica superficial e constroem discursos atuais e comprometidos com a valorização da técnica e da expressão. A coleção resultante deste trabalho não busca simplesmente reproduzir formas antigas, mas sim reinterpreta-las com intenção, transformando o ato de tecer em um gesto de continuidade cultural, resistência e expressão estética.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. [S.l]: Século XXI Edições, 2003.
- BANDEURA, Julio. **Debret e o Brasil**: Obra Completa, 1816-1831. [S.l]: Capivara, 2008.
- BOARDMAN, John. **Greek Art**. Londres: Thames & Hudson LTD, 2006.
- BORRELLI-PERSSON, Laird. **Givenchy**. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-1997-couture/givenchy>. Acesso em: 4 set. 2025.
- BRAGA, João. **História da moda**: uma narrativa. São Paulo: Editora Anhembi, Morumbi, 2007.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: WMF Martins Fontes – POD, 2021.
- DAVIES, Glenys; KKEWEKKYN-JONES, Lloyd. **Greek and Roman dress**: from A to Z. Londres, England: Routledge, 2007.
- Estátua de Deméter**. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/demeter/507580f2-d829-44bd-ba85-ea113fba9468>. Acesso em: 4 set. 2025.
- FINLEY, M.I. **Economia e sociedade na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes – POD 2013.
- FRANKLIN, Harper. **Fashion history timeline**. Disponível em: <https://fashionhistory.fitnyc.edu/1800-1809/>. Acesso em: 4 set. 2025.
- GARDNER, P. **Principles of Greek Art**. Whitefish, MT, EUA: Kessinger Publishing, 2010.
- GRAVES, R. **Os mitos gregos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- History**. Disponível em: <<https://fortuny.com/history>>. Acesso em: 4 set. 2025.
- MARK, JJ. **Ancient Greek Clothing**. Enciclopédia de História Mundial, 2021. Disponível em: <<https://worldhistory.org/article/20/anciente-greek-clothing>>. Aceso em: 13 jun. 2025.
- KODA, Harold. **Goddess**: The classical mode. [S.l] Metropolitan Museum of Art New York, 2003.
- KOHLER, Carl. **A história do vestuário**. São Paulo: WMF Martins Fontes – POD, 2009.
- LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Madame Recamier Tapestry**. Disponível em: <https://fineartamerica.com/featured/madame-recamier-jacques-louis-david>. Acesso em: 21 set. 2025.
- Marie Antoinette Adult**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki>. Acesso em: 21 set. 2025.

MARTIN, Richard; KODA, Harold. **Madame Grès**. USA: Nova York. Metropolitan Museum of Art, 2003.

MILLS, Molla. **Crochê Moderno**: Acessório de Crochê e Projetos para sua casa. São Paulo: Editora Olhares, 2023.

NEMY, Enid. Os estilos atemporais de Madame Grès, 1979. Disponível em: <<https://nytimes.com/1979/10/10/archives/the-timeless-styles-of-mme-gres-timeless-styles-by-mme-gres>>. Acesso em: 01 set. 2025.

PALAZZO FORTUNY. **O nascimento de um vestido único**: o Delphos. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/story>>. Acesso em: 04 set. 2025.

Paletas de Cores. Disponível em: <https://patone.com.br/paletas-de-cores/>. Acesso em: 21 set. 2025.

Roman copy of Greek original by Kephisodotos – Marble statue of Eirene (the personification of peace) – Roman – Early Imperial, Julio-Claudian – The Metropolitan Museum of Art. Disponível em: <https://metmuseum.org/art/collection/search>. Acesso em: 21 set. 2025.

SELEPRIN, Maiquel José. **O Mito na Sociedade Atual**. Disponível em: <https://educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf>. Acesso em: 01 set. 2025.

SOBEL, Sharon. **Draping period costumes**: Classical Greek to Victorian. Oxford, England: Focal Press, 2013.

SVENDESEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. São Paulo: São Paulo, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. São Paulo, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

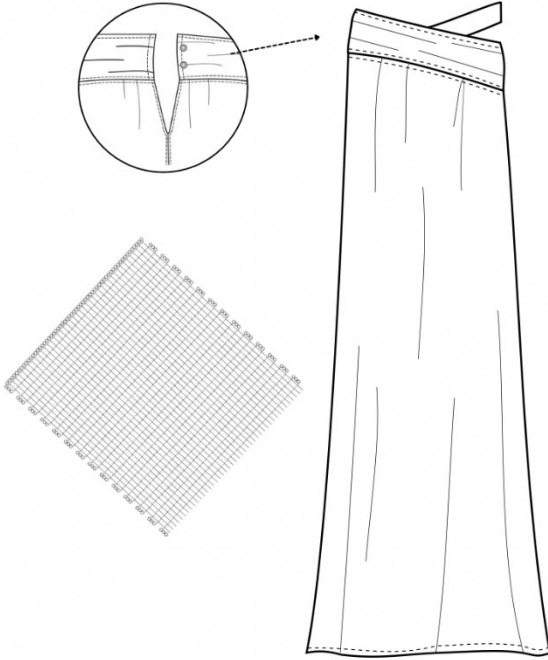
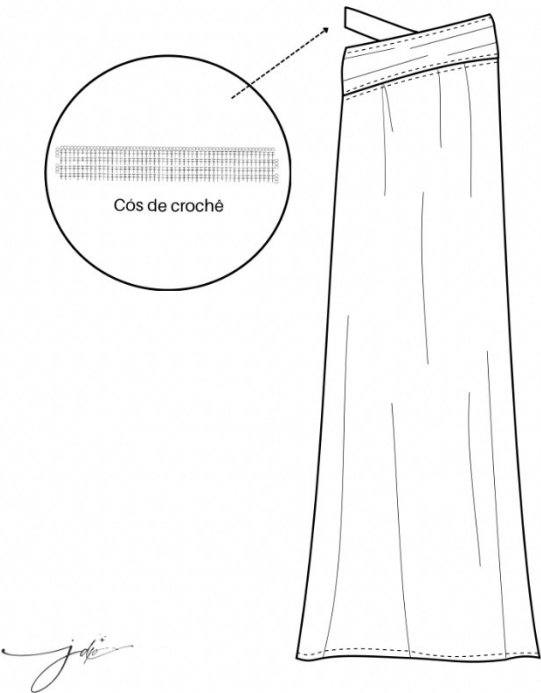
TALBOT, Margaret. **The Myth of Whiteness in Classical Sculpture**. USA: Nova York, 22 out, 2028.

Terracotta statuette of Eros. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search>. Acesso em: 21 set. 2025.

Wikipedia Contributors. **Zeus**. Disponível em: <https://pt.wikimedia.org/w/Zeus>. Acesso em: 21 set. 2025.

APÊNDICE A – FICHA TÉCNICA 1

Ficha Técnica

Estilista	Julia Del Piero	Data	20/11/2025
Look	Grupo de estilo I - <i>quitons</i>	Modelista	Julia Del Piero
Peças	Top de crochê e saia	Gradação	TAM 38
Frente		Costas	
			

Observações: Top quadricular de crochê por meio de meios pontos altos, a peça no final foi virada, podendo utilizar como quiser, e presa por uma correntinha de crochê (o top aparece apenas na frente).

Matéria Prima Principal

Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
12377	Viscolinho	100% viscose	Branco	Empório dos tecidos	1,40 m
5168	Crepe salina	96% poliéster e 4% elastano	Branco	Empório dos tecidos	1,50 m
	Linha Encanto - Círculo	100% viscose	Dourado	Risk de Giz	

Aviamentos

Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
Risk de Giz	Botão de pressão			13 mm	
Risk de Giz	Entretela		Branco		40 cm

APÊNDICE B – FICHA TÉCNICA 2

Ficha Técnica

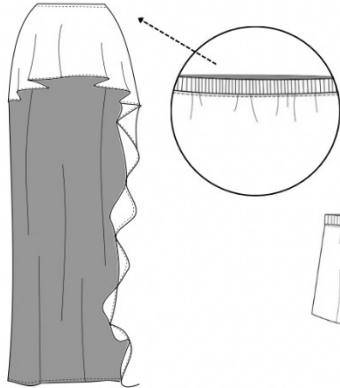
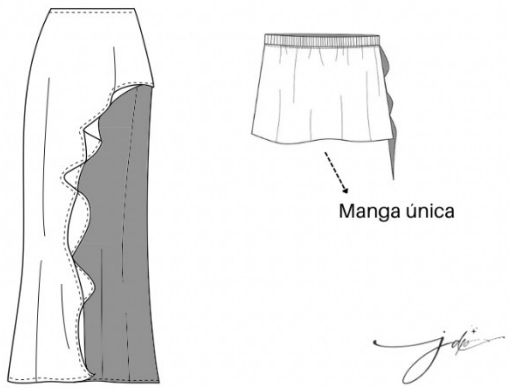
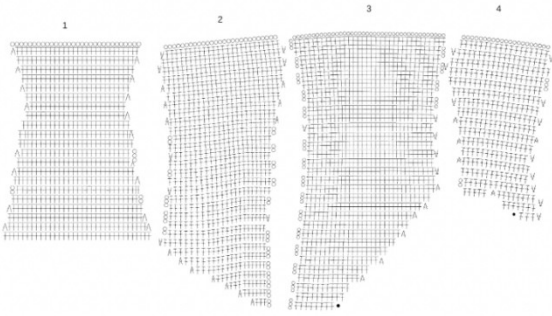
Estilista	Julia Del Piero	Data	20/11/2025
Look	Grupo de estilo II - <i>peplos</i>	Modelista	Julia Del Piero
Peças	"Corpete" de crochê e saia assimétrica	Gradação	TAM 38
Frente		Costas	
			

Gráfico crochê



Observações: Cada parte do "corpete" é costurada até ficar aberto somente na lateral, que foi fechada com colchetes.
Modelagem semi godê na frente e nas costas da saia para formar o caimento dos babados.

Matéria Prima Principal

Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
12377	Viscolinho	100% viscose	Branco	Empório dos tecidos	1,40 m
5168	Crepe salina	96% poliéster e 4% elastano	Branco	Empório dos tecidos	1,50 m
	Linha Encanto - Círculo	100% viscose	Dourado	Risk de Giz	

Aviamentos

Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
Risk de Giz	Elástico	69% Algodão 31% Elastodieno	Branco	10 mm	10 m
Risk de Giz	Colchete			10 mm	

APÊNDICE C – FICHA TÉCNICA 3

Ficha Técnica

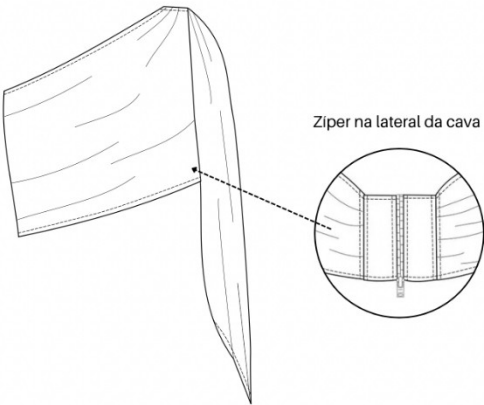
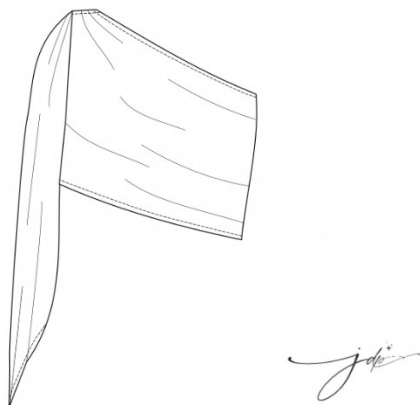
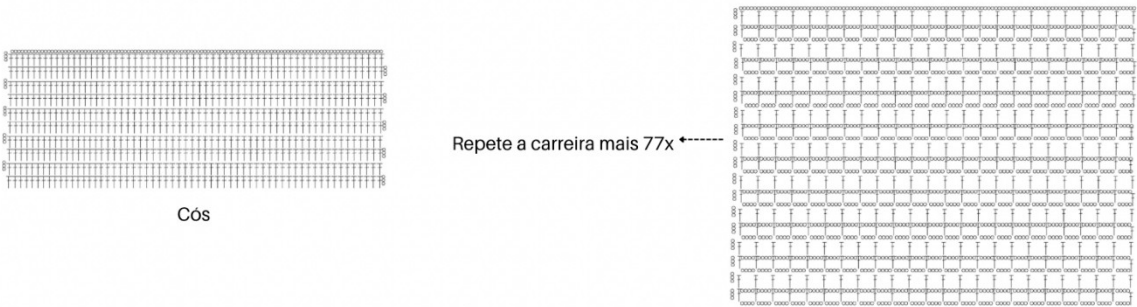
Estilista	Julia Del Piero	Data	20/11/2025
Look	Grupo de estilo III - himations	Modelista	Julia Del Piero
Peças	Saia de croché e blusa de um ombro só	Gradação	TAM 38
Frente		Costas	
			

Gráfico croché



Observações: Por conta do cós assimétrico, o início foi feito o croché no manequim. Zíper na lateral da cava da blusa.

Matéria Prima Principal

Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
12377	Viscolinho	100% viscose	Branco	Empório dos tecidos	1,40 m
5168	Crepe salina	96% poliéster e 4% elastano	Branco	Empório dos tecidos	1,50 m
	Linha Encanto - Circulo		Dourado	Risk de Giz	

Aviamentos

Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
Risk de Giz	Zíper		Branco	5 cm	1
Risk de Giz	Lantejoulas		Dourado	8 mm	
Stilo Aviamentos	Miçanga		Dourado		

APÊNDICE D – FICHA TÉCNICA 4

Ficha Técnica

Estilista	Julia Del Piero	Data	20/11/2025
Look	Grupo de estilo IV - Aracne	Modelista	Julia Del Piero
Peças	Top e ombreira com franjas, saia.	Gradação	TAM 38

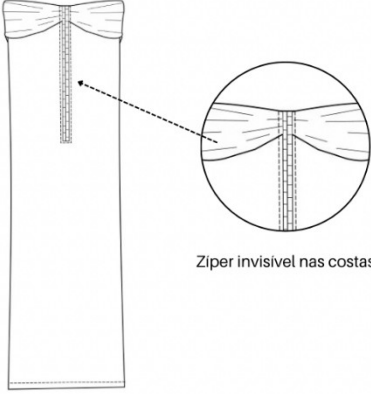
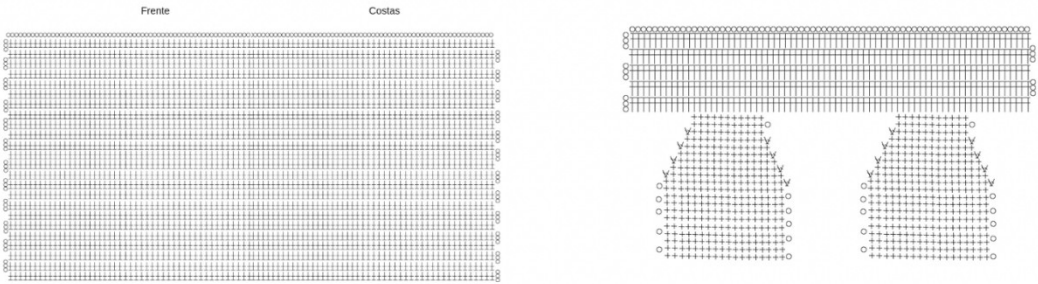
Frente	Costas
 Faixa drapeada até encontrar o zíper nas costas	 Zíper invisível nas costas

Gráfico crochê



Observações: Faixa drapeada na saia reta. Franjas aplicadas na ombreira de crochê. Colchete aplicado para fechamento da ombreira no pescoço. Top fechado na lateral com zíper.

Matéria Prima Principal

Referência	Nome	Composição	Cor	Fornecedor	Largura
12377	Viscolinho	100% viscose	Branco	Empório dos tecidos	1,40 m
5168	Crepe salina	96% poliéster e 4% elastano	Branco	Empório dos tecidos	1,50 m
	Linha Encanto - Circulo		Dourado	Risk de Giz	

Aviamentos

Fornecedor	Nome	Composição	Cor	Tamanho	Quantidade
Risk de Giz	Colchete				
Risk de Giz	Zíper invisível		Off-white	40 cm	1
Risk de Giz	Zíper		Dourado	15 cm	1